

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

LEILA ESTEVÃO DA SILVA CACCIACARRO LINCOLN

Estratégias de Enfrentamento de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica

São Carlos

2013

LEILA ESTEVÃO DA SILVA CACCIACARRO LINCOLN

Estratégias de Enfrentamento de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Especial.

Área de concentração: Educação do Indivíduo Especial

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rachel de Faria Brino

São Carlos

2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L736ee

Lincoln, Leila Estevão da Silva Cacciacarro.
Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de
violência doméstica / Leila Estevão da Silva Cacciacarro
Lincoln. -- São Carlos : UFSCar, 2013.
80 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2013.

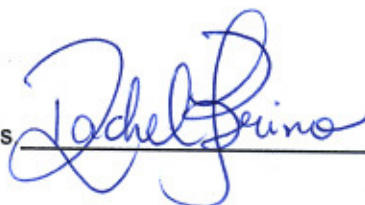
1. Educação especial. 2. Violência conjugal. 3.
Severidade da violência. I. Título.

CDD: 371.9 (20ª)



Banca Examinadora de Dissertação de Mestrado de **Leila Estevão da Silva Cacciacarro Lincoln**.

Profa. Dra. Rachel de Faria Brino
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Fabiana Cia(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
(PUC/Campinas)

Ass. 

Dedico este trabalho ao meu marido Victor Antonio Cacciacarro Lincoln que ilumina o caminho da minha vida, me dando força e apoio incondicional em todos os momentos. Sem você nenhuma conquista valeria à pena.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus pela saúde, fé e perseverança que tem me dado. Por me iluminar e me acompanhar durante todo este processo de formação e construção do conhecimento.

Ao meu marido Victor Antonio Cacciacarro Lincoln fonte de toda força e vontade que carrego comigo ao despertar de cada manhã.

Aos meus pais Luiz Carlos da Silva e Edna Cristina Estevão da Silva que dignamente me apresentaram à importância da família e ao caminho da honestidade, paciência e persistência.

À minha irmã Líliam Estevão da Silva, por ter me dado força e coragem nesta trajetória, guiando assim meus passos nesta construção.

Ao meu avô José Estevão e a Maria Elisa Sabadin Estevão por sempre estarem presentes e acompanhando esta trajetória.

Aos amigos, parceiros de formação e todos aqueles que cruzaram minha vida, participando de alguma forma na construção e realização deste trabalho. Agradeço também a união e energia positiva na direção desta construção.

À Prof^ª. Dr^ª. Rachel de Faria Brino que contribuiu para consolidação dos conceitos, estando sempre solícita em compartilhar seu conhecimento, fazendo reflexões e ricas discussões. Sou grata também ao carinho, atenção e dedicação.

Aos professores do Programa de Educação Especial da UFSCar que contribuíram com reflexões bastante pertinentes, em especial à Prof^ª. Dr^ª. Fátima Elisabeth Denari e à Prof^ª. Dr^ª. Miriam Bratfisch Villa, que ministraram a disciplina Seminário em Educação Especial I.

À Prof^a. Dr^a. Raquel Souza Lobo Guzzo pelo apoio, encorajamento e pelos ensinamentos que formaram os alicerces de minha formação. Agradeço por estar sempre presente em minha vida.

Prof^a. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams que participou da Banca de Qualificação e contribuiu de forma significativa para reflexão dos conceitos abordados neste trabalho.

Prof^a. Fabiana Cia que aceitou com prontidão participar da Banca de Defesa, sempre muito atenciosa aos contatos.

Aos Professores Dr. Alex Eduardo Gallo e Dr^a. Eliane Aparecida Campanha Araújo que aceitaram participar como membros suplentes da Banca de Qualificação e de Defesa, respectivamente.

Aos funcionários do Programa de Pós Graduação em Educação Especial, em especial a Eliane Cristine Nucci Rodrigues que sempre forneceu informações sobre o programa, contribuindo para o bom andamento do mesmo.

À Jacqueline Naves Brito por me acompanhar e auxiliar na coleta de dados, contribuindo para a concretização deste trabalho.

Ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e Centro de Referência da Mulher, em especial a Raquel Auxiliadora dos Santos e a Priscila Cugler por terem ajudado a encontrar as participantes que atendessem aos critérios da presente pesquisa e cedido o espaço físico para realização das entrevistas.

“Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social”

(Art. 2, Lei Maria da Penha)

RESUMO

Lincoln, L. E. S. C. (2013). *Estratégias de Enfrentamentos de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica*. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

O foco do presente trabalho é a violência doméstica e as estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres vítimas desta violência. A violência contra a mulher pode ser caracterizada pela interação do marido/companheiro de intimidar, ameaçar, fazer uso da forma física, bem como fazer algo contra a propriedade da mulher. As principais formas de violência contra a mulher são: violência física, violência sexual, violência psicológica e destruição de propriedade. Enfrentamento pode ser entendido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais com propósito de lidar com demandas internas ou externas, que surgem em situações de estresse. A pesquisa teve como objetivo geral identificar e descrever as estratégias de enfrentamento de mulheres que sofreram ou sofrem violência doméstica e como objetivos específicos categorizar as estratégias de enfrentamento das mulheres vítimas de violência doméstica, caracterizar o histórico de violência sofrida pelas mulheres e por fim, caracterizar o grau de severidade da violência sofrida pelas mulheres. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Foi feita a escolha, construção e adequação do instrumento, sendo ele: entrevista semi-estruturada, aplicada de forma individual, as mulheres vítimas de violência doméstica. Antes da realização da coleta de dados, foi feita uma testagem do instrumento para estimativa do tempo de aplicação e adequação do mesmo. Após aprovação do comitê de ética, e os devidos esclarecimentos da pesquisa, participaram da mesma 4 mulheres vítimas de violência doméstica. Como resultados, pode-se destacar que todas as mulheres participantes sofreram violência física e psicológica, sendo que duas delas relataram sofrer violência sexual. Quanto à severidade da violência sofrida, as mulheres apresentam grau 5, 4, 3 e 2 respectivamente. As mulheres apresentaram as seguintes categorias das estratégias de enfrentamento: afastamento, autocontrole, suporte social, fuga-esquiva, resolução de problemas, reavaliação positiva, lazer e por fim, planos para o futuro. A violência doméstica, como qualquer outro tipo de violência, caracteriza como uma violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais, que limita à mulher o reconhecimento, gozo e exercício de qualquer direito, bem como o exercício da liberdade. Considera-se necessário a criação de políticas públicas que contribuam para minimizar a vitimização das mulheres que sofrem violência doméstica, bem como para desenvolver estratégias de enfrentamento. Que este trabalho contribua para a construção de práticas preventivas, que propiciem estratégias de enfrentamentos como: confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, fuga-esquiva, resolução de problemas, reavaliação positiva, lazer e planos para o futuro. Afinal, foi verificado que com estas estratégias foi possível romper com alguns casos de violência severa.

Palavras-chave: Educação Especial; Violência Doméstica; Estratégia de Enfrentamento; Severidade da Violência.

ABSTRACT

Lincoln, L. E. S. C. (2013). *Coping Strategies for Women Victims of Domestic Violence*. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

The aim of this work is domestic violence and coping strategies used by women victims of this violence. Violence against women can be characterized by the interaction of husband / partner to intimidate, threaten, make use of physical force as well as doing something against the property of the woman. The main forms of violence against women are: physical violence, sexual violence, psychological violence and destruction of property. Coping can be understood as a set of cognitive and behavioral efforts with regard to dealing with internal or external demands that arise in stress situations. The research aimed to identify and describe the coping strategies of women who have suffered or are suffering domestic violence and as specific objectives to categorize coping strategies of women victims of domestic violence, characterize the history of violence suffered by women and finally characterize the severity of violence against the women. This was a qualitative research, exploratory kind. The choice, assembly and appropriateness of the instrument was made, being: semi-structured interview, applied individually to women victims of domestic violence. Before the data collection, there was a testing tool to estimate the time of application and suitability. After approval of the ethics committee, and the proper clarifications of the research, attended to the interview 4 women victims of domestic violence. As a result, it may be highlight that all women participants suffered psychological and physical violence, whereas two women also reported having suffered sexual violence. Regarding the severity of the violence suffered, women present level 5, 4, 3 and 2 respectively. Women had the following categories of coping strategies: removal, self-control, social support, escape-avoidance, problem solving, positive reappraisal, leisure and finally, plans for the future. Domestic violence, like any other type of violence, characterized as a violation of human rights and fundamental freedoms, which limits women the recognition, enjoyment or exercise of any right as well as the exercise of freedom. It is considered necessary the creation of public policies that will help minimize the victimization of women who suffer domestic violence, and to develop coping strategies. That this work will contribute to the construction of preventive practices that provide coping strategies such as confrontation, distancing, self-control, social support, escape-avoidance, problem solving, positive reappraisal, leisure and plans for the future. After all, it was verified that these strategies could break with some cases of severe violence.

Keywords: Special Education; Domestic Violence; Coping Strategy; Severity of Violence.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alterações do Roteiro de Entrevista.....	25
Tabela 2 - Dados das Participantes.....	28
Tabela 3 - Tipos de Violência.....	32
Tabela 4 - Práticas e ações agressivas	33
Tabela 5 - Graus de Violência	36
Tabela 6 - Categorias e Estratégias de enfrentamento.....	37
Tabela 7 - Importância das instituições de apoio	43

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	6
2	INTRODUÇÃO	10
3	OBJETIVOS.....	22
3.1	Objetivo geral	22
3.2	Objetivos específicos	22
4	MÉTODO.....	23
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	27
6	RESULTADOS	28
6.1	Caracterização das participantes	28
6.2	Tipos e severidade da violência sofrida pelas mulheres	32
6.3	Estratégias de enfrentamento à violência doméstica sofrida	37
7	DISCUSSÃO.....	48
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	60
	ANEXOS	65
	ANEXO A - Roteiro de Entrevista Inicial	65
	ANEXO B - Roteiro de Entrevista.....	71
	ANEXO C - Termo de Consentimento Livre E Esclarecido	77
	ANEXO D – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos	79
	ANEXO E – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)	80

1 APRESENTAÇÃO

Iniciarei com uma apresentação pessoal, sobre minha trajetória em pesquisa e o interesse pelo tema da Violência Doméstica.

Comecei meus estudos com o conceito de resiliência como parte do desenvolvimento infantil. No ano de 2006 fiz Iniciação Científica estudando o constructo de Resiliência e Vulnerabilidade, refletindo sobre a percepção que as mães de crianças tinham sobre o contexto escolar, uma vez que a escola poderia contribuir para o fortalecimento do indivíduo, dando condições (fatores de proteção) para superação dos fatores estressores a que as crianças estão expostas.

Em seguida, realizei meu segundo trabalho, em 2007, compreendendo o constructo de Resiliência como *processo*, a partir da perspectiva dos educadores, refletindo como os educadores entendem o constructo de resiliência e como interagem com as crianças para promoverem um bom desenvolvimento das mesmas.

Falo em *processo* de resiliência porque depois de várias reflexões sobre o tema (resiliência), verifiquei que para compreendê-lo em sua total complexidade é necessário estudar, analisar e entender outros processos envolvidos tais como: fatores de risco, fatores de proteção, vulnerabilidade e como cada indivíduo re-significa os acontecimentos da sua vida.

Estes dois primeiros anos de estudos do constructo de resiliência foram realizados no contexto educacional, pois a escola é uma instituição que deve se preocupar com o bem estar de seus alunos, propiciando meios para que desenvolvam condições protetivas e, com isso sejam menos vulneráveis a fatores adversos/estressores, contribuindo para sua superação.

Com o aprofundamento no tema durante este período, foram feitas reflexões a respeito de outros constructos que poderiam estar relacionados com o constructo de resiliência. Em função disso, realizei o terceiro trabalho, em 2008, de cunho teórico, fazendo relações entre os conceitos de consciência e resiliência, tendo como pano de fundo a vida no capitalismo. Foi de extrema importância aprofundar questões teóricas que surgiram a partir de reflexões e demandas da escola.

Pensando nesta trajetória de estudos e pesquisando a literatura, a presente autora tem como proposta futura de estudo o impacto para o desenvolvimento das crianças que

vivem expostas a violência doméstica. Para chegar neste propósito, faz-se necessário compreender a violência doméstica vivida pelas mães destas crianças.

Antes de começar o presente estudo, várias indagações foram feitas: quais as estratégias de enfrentamento utilizadas por vítimas de violência doméstica? Será que a presença de fatores de proteção pode auxiliar neste enfrentamento? Como se configura os fatores de risco nesta dinâmica? Será que eles prejudicam este enfrentamento? Quais as consequências para as crianças exposta a violência? Há relação entre o enfrentamento da mãe e as consequências para seus filhos?

Para conseguir responder a todas estas indagações, foi construído um Roteiro de Entrevista para ser aplicado nas mulheres vítimas de violência doméstica, contendo informações sobre as mesmas, a violência, o parceiro, as crianças (filhos) e a família de origem (Anexo A). As informações sobre as crianças iriam contribuir para compreender a influência para o desenvolvimento das mesmas em relação à exposição à violência. Além disso, o presente trabalho tinha como propósito relacionar a forma de enfrentamento da violência doméstica com o nível de resiliência das crianças, relacionando assim, a forma de impacto e danos para o desenvolvimento infantil.

Como havia diversas hipóteses, o presente trabalho fez um recorte, considerando inicialmente as estratégias de enfrentamento das mulheres que sofreram violência doméstica, para posteriormente, na carreira acadêmica de pesquisa, continuar os estudos na investigação do impacto para o desenvolvimento infantil.

- **Educação Especial**

A Educação Especial, no início realizava apenas atendimento assistencial com acompanhamento médico e psicológico, se preocupando com o bem-estar das pessoas com deficiências. Depois, surgiu como instituição de reabilitação e educação, e em seguida, empenhou-se na busca pela integração no sistema geral de ensino. Na década de 90, alguns documentos influenciaram a elaboração de políticas públicas da educação especial inclusiva, sendo eles: Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), A Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994).

Atualmente, a Educação Especial fundamenta-se na concepção de direitos humanos (Brasil, 2006), visando à igualdade de oportunidades, garantindo o direito de todos à educação e valorizando as diferenças sociais, culturais, raciais, étnicas, físicas, intelectuais, sexuais, emocionais, linguísticas e outras (Brasil, 2006). Portanto, a Educação Especial hoje, já não é mais entendida como um sistema educacional paralelo ou segregado, mas como um conjunto de medidas adaptadas à diversidade dos alunos, oferecido na escola regular e instituições.

A Educação Especial se estabelece como uma modalidade da educação destinada ao atendimento educacional das pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE) (Brasil, 2001).

O conceito de necessidades educacionais especiais passa a ser amplamente disseminado, abrangendo as condições originadas em função de deficiências físicas, intelectuais, sensoriais (auditiva e visual), múltiplas; distúrbios de fala, linguagem e aprendizagem; distúrbios emocionais ou comportamentais; altas habilidades/superdotação e transtornos globais de desenvolvimento.

Conforme a lei Brasil, (2002) o conceito de necessidades educacionais especiais se estendeu para todas as necessidades das crianças que trabalham, que pertençam a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, que são de populações remotas ou nômades, incluindo-se as necessidades das pessoas de rua, desfavorecidas ou marginais, em desvantagens ou em situações de risco. Porém a nova lei Brasil (2008) desconsiderou as crianças em situação de risco como público alvo da Educação Especial, considerando apenas as crianças com Deficiências, Transtorno Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação.

Atualmente, algumas pesquisas, como por exemplo, Rodrigues e Cia (2013) e Souza e Cia (2013) vem mostrando que na idade pré-escolar ainda existe um número de crianças com atraso no desenvolvimento, sendo encaminhadas para os serviços de Educação Especial. Pensando nesta demanda, faz-se necessário dedicar atenção e estudo para o público que vive em situações de risco.

Nos estudos sobre prevenção, o conceito de risco passou a ser uma das principais preocupações abordadas pelos pesquisadores (Formiga; Pedrazzani & Tudella, 2004). O termo risco é entendido como todo evento negativo que aumenta as chances do sujeito ter problemas. Estes fatores de risco são classificados, de forma

didática como biológicos ou ambientais, porém as situações acontecem concomitantemente.

Estes fatores, quando presentes, podem prejudicar o desenvolvimento das pessoas, provocando déficits nos aspectos físicos, motores, sensoriais, mentais e emocionais. A prevenção da ocorrência dos fatores de risco constitui-se em ação necessária da Educação Especial e ciências análogas (Nunes, 1993).

Na implementação de estratégias de prevenção, além de considerar os fatores de risco, é importante conhecer e identificar os fatores de proteção (Formiga; Pedrazzani & Tudella, 2004). Os fatores protetores são os recursos do próprio indivíduo ou os mecanismos do ambiente, que garantem ao indivíduo um desenvolvimento saudável. Esses fatores podem reduzir, ou eliminar as exposições aos fatores de risco, seja neutralizando as adversidades, reduzindo a vulnerabilidade ou aumentando o enfrentamento.

O tema da prevenção de deficiências tem sido um assunto muito discutido dentro da Educação Especial. De acordo com Brasil (2006), ações preventivas são essenciais “para a redução da incidência de deficiência e incapacidades, visto que cerca de 70% dos casos de deficiência são evitáveis ou atenuáveis” (p. 9). Algumas das principais causas das deficiências possíveis de serem evitadas são: os traumas e lesões ocasionados pela violência (Brasil, 2006).

Desta forma, parece fundamental atentar para a complexa temática da violência doméstica. A partir desta breve justificativa, a presente pesquisa se propõe a compreender quais as estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres vítimas de violência doméstica.

2 INTRODUÇÃO

A Violência contra a mulher não é um assunto fácil, pelo contrário, é um tema de extrema complexidade. A visão da família, foi sendo construída socialmente, como sendo um paraíso, um porto seguro e talvez este seja o motivo da dificuldade em discutir o assunto violência doméstica. Hoje muitas vezes, as mulheres consideram as ruas mais seguras que dentro do seu lar. Pode-se dizer também, que a maior parte da violência que ocorre no lar são dirigidas as mulheres e crianças (Sinclair, 1985).

Sinclair (1985) descreveu que dois pesquisadores escoceses (Dobash e Dobash, 1979) relataram que 75,8% da violência no lar é praticada contra mulheres. Descreveu ainda sobre outro estudo, realizado no Canadá, pelo Dr. Jack Byles (1974) que 95% dos telefonemas à polícia eram de chamadas de mulheres vítimas de violência. Sinclair (1985) também citou um estudo realizado em Toronto em que foram analisados os boletins de ocorrência no Fórum da Família e 95% das agressões eram direcionadas as mulheres.

Conforme Sinclair (1985) a violência contra a mulher pode ser caracterizada pela “interação do marido ou companheiro de intimidar, seja por ameaça ou pelo uso da força física à mulher ou a algo de sua propriedade” (p. 65). Assim, o propósito final da agressão é controlar o comportamento da mulher por meio do medo.

As principais formas de violência contra a mulher são: violência física, violência sexual, violência psicológica e destruição de propriedade (Sinclair, 1985).

A violência física é a mais óbvia de identificar. Pode ser tapas, socos, beliscões, atirar objetos, queimaduras com cigarro, utilização de armas. Esta violência é direcionada para o corpo, muitas vezes em partes que não ficam facilmente marcadas, como por exemplo, crânio, osso púbico ou solas dos pés (Sinclair, 1985).

A violência sexual inclui qualquer atividade sexual forçada, bem como acusações sexuais, ciúme excessivo. Às vezes a vítima não pensa que está sendo abusada sexualmente, porque acredita que deve se submeter às demandas sexuais do companheiro. A Violência sexual é frequentemente acompanhada de violência física e ameaças (Sinclair, 1985).

A violência psicológica tem um poder maior de induzir medo, porque se utiliza de ameaças e muitas vezes são acompanhadas com um incidente de violência física. O

abuso psicológico pode assumir forma de ameaças, forçar a vítima a fazer coisas degradantes (lamber pratos, cortar vestido preferido entre outros), pode fazer coisas que aterroriza a vítima (como por exemplo, atravessar com o carro no sinal vermelho), atacar verbalmente a personalidade da vítima e controlar as atividades da mesma. Estas torturas psicológicas são planejadas para desgastar a vítima, que vive com medo constante (Sinclair, 1985). Este tipo de violência se desenvolve em processo silencioso, sendo difícil identificação, porém deixa marcas em todos envolvidos (Silva, Coelho & Caponi, 2007).

A destruição de propriedade não é levada tão a sério, pois o agressor direciona sua raiva aos objetos. Mas é importante relatar que o agressor não destrói qualquer objeto, mas sim o que é propriedade da mulher como forma de atacá-la. Alguns exemplos são: destruir álbuns de fotos da mulher, vestidos e qualquer coisa que é de propriedade da mulher. Além disso, o agressor pode destruir animais de estimação e as crianças. Esta violência pode ser utilizada como meio de intimidação e controle de comportamento da mulher (Sinclair, 1985).

Pode-se considerar que a violência contra a mulher é um crime silencioso e escondido, não sendo registrado em sua maioria. Para que um problema social seja levado a sério, é preciso provar que ele afeta proporção significativa da população. Esta é mais uma questão que prova a importância da denúncia e do registro das agressões. É importante considerar que a violência contra a mulher é um crime punível pela lei descrita no Código Penal (Sinclair, 1985).

No Código Penal Brasileiro (Decreto de Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940) a violência doméstica é considerada no artigo 129 (ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem) no parágrafo 9. Este parágrafo diz: “Se a lesão for praticada contra ascendente, descendente, irmão, cônjuge ou companheiro, ou com quem conviva ou tenha convivido, ou, ainda, prevalecendo-se o agente das relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade” (Código Penal, art. 129, § 9º). O Código prevê pena de detenção de três meses a três anos, podendo ser aumentada em um terço caso seja uma lesão corporal de natureza grave (pena é reclusão de 1 a 8 anos), ou quando a lesão corporal é seguida de morte (pena de reclusão de 4 a 12 anos).

É importante esclarecer alguns fatos. A agressão ocorre com mais frequência quando o casal mora no mesmo lar. Sem as intervenções diretas, as agressões tornam-se mais graves com o passar do tempo. Vítimas de violência contra mulher é responsável

por 25% das tentativas de suicídio. Outro dado, diz respeito à incidência da agressão e, segundo estudo as mulheres eram agredidas cerca de 35 vezes antes do contato com a polícia (Sinclair, 1985).

Segundo Silva, Coelho e Caponi (2007), o agressor em suas primeiras manifestações de violência não faz uso das agressões físicas, mas inicia com cerceamento de liberdade individual da vítima, avançando para humilhações e constrangimentos. Antes de ferir fisicamente, o agressor precisa baixar a auto-estima da mulher, para que ela tolere as agressões.

Com o tempo, a violência psicológica passa a se manifestar verbalmente, com humilhações tanto privadas como públicas, exposições a situações vexatórias, como por exemplo, ridicularizando o corpo da vítima, chamando por apelidos ou características que causam sofrimento. A mulher presente neste contexto, com o passar do tempo, pode sofrer os seguintes efeitos: a mulher começa a se justificar e se desculpar perante o companheiro e para outras pessoas que presenciam o comportamento do companheiro (Silva, Coelho & Caponi, 2007).

Devido ao impacto da violência psicológica, ela deve ser identificada em especial, pelos profissionais que atuam em serviços públicos, sendo da saúde, segurança e educação. Não é raro encontrar situações graves de saúde como consequência do sofrimento psicológico, como por exemplo: dores crônicas (costas, cabeça, pernas, braços), síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares. Por isso a violência psicológica deve ser enfrentada como problema de saúde pública, independente de eclodir ou não em violência física (Silva, Coelho & Caponi, 2007).

Segundo Silva, Coelho e Caponi (2007), muitas mulheres que vivem situações de violência doméstica acabam se enganando e fingindo que não está acontecendo a violência. Isso faz parte da própria manutenção do ciclo de violência, em que a mulher acaba reforçando para si sua baixa auto-estima, agravando ainda mais este ciclo. Outras mulheres interiorizam o desejo do companheiro, anulando os próprios.

As autoras acima relataram que as principais queixas dos programas de atendimento à vítimas (governamentais e não-governamentais) partem das mulheres que são vítimas de alguma forma de violência dentro do lar, correspondendo a 98% das queixas. As mesmas autoras relatam um agravamento na violência, em termos de quantidade e qualidade, considerando a gravidade das agressões, que podem ocasionar morte ou graves sequelas na vítima.

Uma pesquisa realizada no Centro de Atendimento a Vítimas de Crime de Florianópolis foram analisadas fichas das mulheres que procuraram atendimento durante os anos de 2000 a 2001. Verificaram que das 1242 pessoas, 846 foram vítimas de violência doméstica e as outras pessoas foram vítimas de outras formas de violência (urbana ou institucional) (Silva; Coelho & Caponi, 2007).

Em uma pesquisa realizada por Santi, Nakano e Lettiere (2010) verificaram maior percentual da ocorrência da violência dentro da residência (61,25%), o agressor em sua maioria, era conhecido pela vítima (89,6%) sendo 53,7% destes maridos e namorados e 26,95 ex-maridos e ex-namorados. Relataram que as mulheres buscam apoio das famílias e amigos, antes de procurar instituições. Buscam ajuda nos equipamentos sociais dependendo da gravidade do caso, elegendo assim as providências para o cuidado à saúde. As autoras verificaram que as participantes procuraram à Delegacia de Defesa das Mulheres como objetivo de justiça e punição ao agressor. O principal motivo que faz com que as mulheres denunciem seus parceiros é a preocupação de sofrerem novas agressões ou ameaças.

Neste contexto de violência doméstica, em que a mulher é o principal alvo da violência, é importante considerar que os danos vão além da mulher. Uma criança que convive com a violência do pai contra a mãe, precisa de proteção, porque ela própria pode ter risco de sofrer violência física e ser abusada sexualmente (Sinclair, 1985). Além disso, ao presenciar a violência a criança pode se tornar um marido agressor ou uma mulher agredida. As crianças em um lar violento aprender este modelo e podem agir como este modelo nas interações sociais.

Os efeitos nocivos da exposição da criança à violência doméstica presentes na literatura são: agressão, uso de drogas/álcool, distúrbios de atenção, baixo rendimento escolar (Brancahona & Williams, 2003).

Estudo realizado por Weber, Selig, Bernardi & Salvador (2006), se propõe a investigar a transmissão intergeracional dos estilos parentais. Os autores observaram que 91,7% dos casos demonstraram intergeracionalidade. Em estudo realizado por Araújo e Williams (2009), indicam que podem ser modelados tanto os comportamentos agressivos dos pais e/ou cuidadores quando a passividade das mães.

A família pode ser um modelo de práticas coercitivas, ensinando as crianças a solucionar problemas a partir do uso da violência ou pode ser um modelo de práticas de resolução de problemas sociais, ensinando habilidades pró-sociais para as crianças

(Williams, 2009). É importante compreender estes modelos e entender que há sempre a possibilidade de reaprender a ser pai e mãe.

Segundo Lidchi (2009), a violência pode ou não ser transmitida de geração à outra, porém isso dependerá dos riscos e de proteção envolvidos. As relações e normas sociais e os fatores econômicos são exemplos que podem atuar como inibidores ou estimuladores do estresse nos contextos que o indivíduo pertence.

É preciso considerar os fatores (risco e proteção) e o histórico da família de origem, para compreender crenças e valores, considerando assim a compreensão da função do papel de ser pai ou mãe (Lidchi, 2009).

Uma pesquisa realizada por Cassado, Gallo e Williams (2003), verificou a ocorrência de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e Depressão em vítimas de violência doméstica. O estudo entrevistou 5 mulheres e verificou que 3 apresentam TEPT, bem como que há grande comorbidade deste com a Depressão Maior, considerando a intensidade da violência, frequência e tempo de exposição da mesma.

Para psicólogos e outros profissionais da saúde, a frequência contínua e prolongada à exposição da violência doméstica é considerada como eventos traumáticos, tendo alto impacto emocional (Meichenbaum, 1994). As mulheres vítimas de violência podem apresentar altos níveis de depressão, ideação e tendência suicida, abuso de substâncias e sintomas de TEPT, como por exemplo: entorpecimento, ansiedade crônica, desamparo, baixa auto-estima, distúrbios de sono e/ou alimentação (Meichenbaum, 1994).

As mulheres vítimas de violência doméstica que apresentam sintomas de TEPT apresentam sensação constante de perigo, ficando mais dependentes e sugestionáveis, dificultando assim, a tomada de decisões. Por viverem em situação de desamparo, apresentam sentimentos de culpa e dificuldades de fazer planos para o futuro (Meichenbaum, 1994).

Segundo Sinclair (1985) todo terapeuta precisa estar preparado para agir na defesa e suporte a favor da mulher vítima de violência doméstica. O terapeuta eficaz é aquele que consegue reconhecer seus limites de conhecimento e de atuação e saber o que fazer quando isso ocorrer.

Importante relatar que a violência doméstica ganhou visibilidade no Brasil através do caso da Sra. Maria da Penha Maia Fernandes, que ficou paraplégica após o disparo de revólver em suas costas. Durante 15 anos percorreu instâncias judiciais com

o propósito de processar e punir seu agressor. Este caso foi um marco para o Estado responder as demandas de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica (Alves, Oliveira & Maffaccioli, 2012).

Tanto instituições hospitalares como unidades de saúde abordam a violência doméstica de forma superficial, tendo assim, pouco impacto na resolução e prevenção do problema. A falta de preparo e capacitação dos profissionais que atendem as mulheres vítimas de violência doméstica contribuem para perpetuação da vulnerabilidade à violência (Alves, Oliveira & Maffaccioli, 2012).

As pesquisadoras Alves, Oliveira e Maffaccioli (2012) analisaram a repercussão da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência doméstica. Há um aumento da demanda com a visibilidade da violência doméstica e a consciência do problema. As pesquisadoras contataram um aumento nos registros da violência doméstica na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) de Porto Alegre. Verificaram impacto positivo da Lei nas ações de proteção e empoderamento das mulheres, devido à ampliação do seu acesso aos serviços e na divulgação dos direitos das mesmas, bem como as mudanças relativas ao acolhimento e à assistência.

Houve alterações no Código de Processo Penal devido à Lei Maria da Penha. O juiz pode decretar prisão preventiva do agressor, pode determinar o comparecimento obrigatório do mesmo a programas de recuperação e re-educação. Há as medidas de proteção de urgência, como por exemplo: afastamento do lar, suspensão de visitas aos filhos, prestação de alimentos provisionais e etc. Foi proibida aplicação de penas pecuniárias, como o pagamento de cestas básicas e multas, como pode ser verificado no Art. 17 da Lei Maria da Penha. Isso faz com que o judiciário classifique a violência doméstica como crime (Alves, Oliveira & Maffaccioli, 2012).

Após esta contextualização da violência doméstica, faz-se necessário compreender o processo de enfrentamento das mulheres presentes neste contexto, uma vez que é o principal objetivo do presente estudo.

Para alguns autores, coping é outro conceito utilizado como sinônimo de enfrentamento (Câmara, Sarriera & Carlotto, 2007) outros preferem utilizar o termo coping devido à dificuldade de uma tradução fidedigna do mesmo (Antoniazzi, Dell’Aglia, Bandeira, 1998). O presente trabalho utilizará o termo como sinônimo de enfrentamento.

Segundo Folkman e Lazarus (1980), enfrentamento pode ser entendido como um

conjunto de esforços cognitivos e comportamentais com propósito de lidar com suas demandas, que surgem em situações de estresse. As estratégias de enfrentamento são ações que podem ser aprendidas durante a vida. É um processo intencional, flexível e orientado para futuro, com objetivo de buscar o alívio para o estresse (Polisello, 2010). As melhores estratégias de enfrentamento podem estar relacionadas aos fatores de proteção dos indivíduos ou estão presentes no ambiente.

O enfrentamento é uma resposta diante a uma situação de estresse, que visa criar, manter ou aumentar a percepção de controle pessoal. O enfrentamento pode ser focado na emoção ou no problema, dependendo do repertório individual e das experiências prévias. Na emoção o indivíduo busca diminuir o desconforto emocional e é mais usado em ocasiões consideradas difíceis de mudar. Quando focada no problema, realiza alteração no ambiente. Independente da forma de enfrentamento utilizado, ela ocorre em situações de estresse, podendo ser utilizadas ambas as estratégias por uma única pessoa (Ravagnani, Domingos, Miyazaki, 2007).

A literatura descreve algumas estratégias de enfrentamento, tais como: confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, aceitação de responsabilidade, fuga-esquiva, resolução de problemas e reavaliação positiva (Damião, Rossato, Fabri & Dias, 2009).

Confronto refere-se às estratégias ofensivas para o enfrentamento da situação, a pessoa apresenta atitude ativa em relação ao estressor. Nem sempre esta estratégia leva a resultados positivos. Afastamento diz respeito a estratégias defensivas, em que o indivíduo evita confrontar com a ameaça, não modificando a situação. Autocontrole representa a busca do controle das emoções diante do estímulo estressante, bem como não fazer nada apressadamente como impulso (Damião, Rossato, Fabri & Dias, 2009).

Suporte Social é uma estratégia relacionada ao apoio e suporte das pessoas e do ambiente. Aceitação de responsabilidade refere-se à aceitação da realidade engajando no processo de lidar com a situação estressante. Fuga-esquiva diz respeito às possíveis soluções para o problema, sem tomar atitude para de fato modificá-la. Resolução de problemas é uma estratégia de planejamento adequado para lidar com o evento estressor. Reavaliação positiva é uma estratégia de controle das emoções, como forma de reinterpretação das situações, bem como crescimento e mudança pessoal (Damião, Rossato, Fabri & Dias, 2009).

Alguns estudos têm apresentado esta discussão, ou seja, tem tratado da questão

das estratégias de enfrentamento de vítimas de violência doméstica. Lettiere e Nakano (2011) realizaram um estudo com 10 mulheres vítimas de violência doméstica e verificaram a importância da rede de apoio social que as mesmas dispõem e as expectativas para alcançarem suas necessidades. Quando tomam a iniciativa de romper com o silêncio, buscam ajuda com familiares e amigos. Com as limitações de auxílio (da família e dos amigos), acabam buscando ajuda em outros lugares, como instituição religiosa ou mesmo a espiritualidade como forma de suportar e enfrentar o problema. As autoras relataram que quando não há coesão familiar ou vínculo, o impacto pode produzir vulnerabilidade frente à violência.

A referida pesquisa obteve como resultados que a instituição igreja atuou oferecendo apoio, principalmente emocional. Já a respeito dos serviços de saúde, estes cumprem o papel de tratar o aparente. Utilizam a intervenção policial como autoproteção. E a busca pelos direitos, colocou as vítimas frente a uma realidade de desamparo e descrença com a justiça. Relataram que as consequências psicológicas da violência, não foram acolhidas pelos profissionais, como as vítimas esperavam.

Bruschi, Paula e Bordin (2006) realizaram um estudo, em fase piloto, relacionando a gravidade da violência com a procura de ajuda das mulheres vítimas de violência doméstica. As pesquisadoras consideraram violência grave a presença de chute, soco, espancamento, uso ou ameaça de uso de arma e violência não grave aquela que havia tapa na ausência da violência grave. As autoras verificaram que as mulheres vítimas de violência grave, procuravam múltiplas fontes de ajuda, sendo mais frequente as pessoas da própria família (47,4%), da família do companheiro (36,8%), amigos (31,6%), curandeiros, benzedoras ou pais de santo (21,1%) e líderes religiosos (10,5%). Ainda na violência grave, as instituições mais procuradas foram: delegacia/polícia (36,8%), organizações de proteção à mulher/abrigos (10,5%), centro de saúde (5,3%) e ambulatório de saúde mental (5,3%). Quando a violência não foi grave, as mulheres procuraram ajuda da própria família (55,6%), da família do companheiro (11,1%), além de líderes religiosos (11,1%). Essas mulheres não procuraram ajuda de instituições de saúde ou órgãos de proteção à mulher. Verificaram ainda que, das mulheres vítimas de violência grave 44,4% delas nunca procuraram ajuda, nem de pessoas e nem de instituições.

Miracco et al. (2010) realizaram uma pesquisa que diferenciam as estratégias de enfrentamento da violência doméstica adaptativas das desadaptativas. Como estratégias

desadaptativas ou disfuncionais destacaram: ter estratégias passivas, justificar a conduta do agressor, ter crenças negativas (como por exemplo, ter baixa auto-estima), isolamento, crenças que o agressor pode mudar espontaneamente, relatar que está acostumada com as agressões e crenças de culpa e vergonha. Os mesmos autores descrevem as estratégias adaptativas, sendo elas: realizar denúncia, buscar ajuda na escola, lidar ativamente com os obstáculos no acesso à justiça, apoiar-se em crenças religiosas, apoiar-se em vínculos interpessoais, resgatar a autodeterminação e firmeza, criar estratégias concretas para algumas situações, tirar o agressor da vida da vítima, por mais que estiver apaixonada, decidir que não aceita certas atitudes/coisas, apoiar-se nos cuidados dos filhos, eliminar a vergonha dos pensamentos, pensar friamente a situação de violência, pensar que os filhos são saudáveis, ter claro que quer se separar e criar os filhos sozinha, iniciar uma psicoterapia/ir em grupo de auto-ajuda, focar a atenção no trabalho, ter independência econômica, solicitar que o agressor saia de casa e extrair valores positivos da experiência negativa.

Na pesquisa realizada por Parente, Nascimento e Vieira (2009), as participantes relataram a influência da sociedade machista refletida na educação familiar, em que há condição, por parte da mulher, de submissão, obediência, reprodução e cuidadora do lar. Relataram ainda, que as participantes sentem medo na evolução da violência podendo chegar ao assassinato. Ainda na pesquisa de Parente, Nascimento e Vieira (2009), as atitudes de enfrentamento relatadas pelas participantes foram: acreditar nas leis, nas delegacias, nas casas de abrigo, nos centros de referências de apoio à mulher e na medida protetiva. As participantes com estas estratégias de enfrentamento diminuíram sua permanência no ciclo de violência, reduzindo a suscetibilidade e severidade da violência. Outras participantes acreditavam mais em Deus, desacreditando na capacidade do Estado em punir o agressor. As participantes relataram a dificuldade em romper com a situação de violência, relatando que requer esforço individual, coletivo e da sociedade para romper. Muitas vezes para sair da violência levava um longo tempo, agravando cada vez mais a violência. Romperam com o ciclo quando pensavam no medo do que poderia acontecer para as participantes e seus respectivos filhos (Parente, Nascimento e Vieira, 2009). As autoras relataram ainda que as participantes não registravam a primeira ocorrência de violência que sofreram, e só denunciavam após vários episódios da mesma.

A autora Pedrosa (2009) construiu um “Guia da mulher: Ações de promoção dos direitos” a partir de oficinas participativas com as mulheres vítimas de violência doméstica, valorizando a diversidade e heterogeneidade do local (cidade do interior de São Paulo). Foram feitas dramatizações, dinâmicas de grupo e recursos (fotos, encartes e textos). Com este trabalho, a autora mapeou os serviços gratuitos de saúde, assistência social, segurança pública e jurídica da região.

Segundo Pedrosa (2009) as participantes vítimas de violência doméstica buscavam auxílio com familiares, vizinhos, religiosas, benzedoras ou amigos, sendo rara a procura de um serviço público. Por isso, o Guia propôs ampliar a informação e divulgar os recursos públicos, para trabalhar a prevenção e redução da violência na comunidade, garantindo assim, o direito das mulheres. As participantes permaneciam nos relacionamentos por temor, medo e receio de perder a guarda dos filhos e não conseguir sobreviver financeiramente sem a presença do marido. Pedrosa (2009) relatou que quando as mulheres não conhecem seus direitos, os companheiros utilizam desta falta de conhecimento para mantê-las vinculadas na relação. As participantes também relataram de forma tímida a violência sexual. Pedrosa (2009) relata que há dificuldade cultural em reconhecer ou abordar este assunto nas relações conjugais.

Na pesquisa realizada por Borsoi, Brandão e Cavalcanti (2009), foi verificado o enfrentamento da violência nos Programas de Assistência Integral à Saúde da Mulher, a partir dos profissionais das Unidades. Os profissionais relataram que este é um lugar estratégico para trabalhar prevenção da violência. Nesta pesquisa, os profissionais relataram que a demanda da violência doméstica é apresentada de forma implícita, sendo que não é a violência que leva a mulher às Unidades de Saúde. A violência só aparece como demanda explícita em casos de violência sexual praticada por estranhos. Quando é identificada a demanda da violência, independente do tipo dela, ela é acolhida e são oferecidas informações sobre os direitos da mulher, bem como indagam a possibilidade de romper com o ciclo de violência. Caso a mulher queira denunciar, ela é encaminhada para a Delegacia. Se a mulher não quiser denunciar, a equipe acompanha tanto a mulher, quanto os familiares.

Uma pesquisa realizada por Almeida (2010) verificou a importância de casas-abrigo para o enfrentamento da violência doméstica. Os benefícios apontados pelas vítimas de violência foram: ter segurança (de forma imediata) em situação de risco iminente, dar oportunidade à mulher reorganizar-se pessoal e socialmente sem a

violência, possibilitar a recuperação psicossocial frente aos danos e traumas da violência e por fim, propiciar troca de experiências com outras mulheres com histórias parecidas. Os profissionais que participaram desta pesquisa relataram que acompanharam as vítimas desde o acolhimento até o desligamento, bem como realizaram atendimentos em uma perspectiva de liberdade e autonomia. Relataram, ainda, que as mulheres chegam aos atendimentos nas casas-abrigo fragilizadas, o que pode interferir na ruptura da violência.

Tavares (2008) descreveu a violência doméstica em fases. A primeira denominou-se de “Tensão” e pode acompanhar a mulher durante o período de submissão. O medo vai substituindo o amor, ocasionando um distanciamento entre o casal. Nesta fase, a mulher tenta resolver o problema sozinha, culpando-a por não resolver o conflito. Ainda nesta fase, evita confrontos e finge não perceber a tensão.

A segunda fase é a “Explosão” e é definido, segundo Tavares (2008), quando ocorre um incidente agudo de violência, como, por exemplo: espancamento, tortura física ou tentativa de suicídio. Nesta fase, tapas, murros, tentativa de sufocamento tornam-se comuns, podendo assim ter consequências como a morte da mulher. É neste momento que a mulher percebe que a violência não tem controle, mesmo quando a mesma age conforme expectativas do companheiro. O medo presente na primeira fase passa a ser substituído por terror.

Quando a mulher apresenta exaustão, ela pode romper com o silêncio depois de não suportar mais, fazendo com que a mesma peça ajuda. Neste momento a mulher pode entrar em estado de choque, e é quando procura ajuda à Delegacias da Mulher e a rede de Apoio para fazer valer seus direitos.

A terceira fase é a “Lua de Mel”, em que o companheiro tenta reconciliação com a mulher fazendo uso de práticas carinhosas e elogios. É uma “armadilha do ciclo”, o companheiro promete que não vai mais agredir a mulher e mostra-se arrependido. Isso faz a mulher pensar que existe o lado bom, o que causa um impasse, deixando-a incapaz de tomar decisões e agir.

As mulheres que participaram da pesquisa relataram que a violência iniciou por agressões verbais, e que em seguida havia pequenos empurrões. Nenhuma mulher realizou denúncia nas primeiras agressões sofridas. Tavares (2008) relatou que isso acontece porque quando a mulher se fortalece para realizar a denúncia, já passou por meses e talvez anos aceitando a submissão no relacionamento. Nesta pesquisa,

verificou-se que a maioria das participantes que abandonaram o agressor já possuíam um novo relacionamento. Tavares (2008) verificou que nos momentos de profunda revolta, as mulheres tomaram atitudes de libertação da situação. Nesta pesquisa, foi verificado segundo relato das participantes, que a maioria das agressões aconteceu quando os companheiros estavam sóbrios. As assistentes sociais relataram que a mulheres que sofrem violência doméstica, em muitos casos, fazem uso de bebidas alcoólicas como forma de conseguir permanecer no relacionamento. Outra forma de fuga apontada pelas mulheres era pensar no suicídio como única solução dos problemas. Tavares (2008) encontrou também relatos de automutilação por parte das mulheres vítimas de violência doméstica.

De acordo com as pesquisas expostas até aqui, a literatura acerca da violência doméstica tem se ocupado em identificar e analisar estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas desta forma tão cruel de violência e que pode trazer consequências devastadoras para a vida das famílias envolvidas, acarretando danos as mulheres e as crianças presentes nos lares em que a mesma ocorre.

Os estudiosos, além de identificar tais estratégias, também exploram relações destas com outras características presentes na vida das mulheres e famílias, na tentativa de buscar possibilidades de atuação junto a essa população que tenha sucesso na recuperação da violência sofrida. O presente trabalho pretende trazer novas informações a respeito das estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres vítimas de violência com diferentes históricos e severidade de violência sofrida. A pesquisa desenvolvida busca confirmar ou levantar outras estratégias de enfrentamento utilizadas por mulheres vítimas de violência doméstica que possam subsidiar estratégias de intervenção eficazes em romper com a violência. São indagações desta pesquisa, ainda, se o histórico de violência e a severidade da mesma podem fazer com que as mulheres adotem diferentes estratégias de enfrentamento à violência que sofrem.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Identificar e descrever as estratégias de enfrentamento de mulheres que sofreram ou sofrem violência doméstica.

3.2 Objetivos específicos

Categorizar as estratégias de enfrentamento das mulheres vítimas de violência doméstica,

Caracterizar o histórico de violência sofrida pelas mulheres;

Caracterizar o grau de severidade da violência sofrida pelas mulheres.

4 MÉTODO

Delineamento de Pesquisa

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório.

Participantes

4 mulheres que sofreram violência doméstica (com idade média de 32,25 anos). As mulheres apresentaram um tempo médio de exposição à violência de 9,5 anos. Apresentaram também, em média: rendimento de R\$1200,00 reais e 2,5 filhos. As escolaridades das participantes são: duas delas (P2 e P3) com ensino médio completo, uma com ensino médio incompleto (P1) e uma com Ensino Fundamental (P4). Duas participantes (P2 e P3) continuam vivendo com o agressor e duas (P1 e P4) trabalham em horário comercial. O critério para participação na pesquisa foi ter sofrido a violência pelo parceiro ou ex-parceiro, sendo que houve exclusão da participação na ausência deste critério.

Instrumento

Roteiro de Entrevista (Anexo B) elaborado pela autora a partir de quatro estudos (Sá, 2011; Lima, 2010; Tavares, 2008; Rios, 2006). Este roteiro contém os seguintes tópicos: Dados da Participante (contendo informações básicas da mulher vítima de violência entrevista), Sobre a Violência Sofrida (contendo 16 perguntas), Sobre Enfrentamento (contendo 23 perguntas), Relacionamento com Parceiro (contendo 11 perguntas) e Sobre infância e família de origem dos pais (contendo 12 perguntas).

Local

As entrevistas foram realizadas no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) em uma sala reservada e livre de interferências, que garantia o sigilo e a privacidade aos participantes. Todas as mulheres contatadas para participação na pesquisa eram usuárias dos serviços prestados pelo CREAS/Centro de Referência da Mulher.

Procedimento

Inicialmente foi realizada uma busca bibliográfica na literatura para encontrar os instrumentos mais adequados para o estudo. As bases de dados utilizadas foram: Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme), na BTDT (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, Banco de Teses e Dissertações/CAPES e Banco de Teses e Dissertações da UNICAMP. Para o levantamento, optou-se pelas seguintes palavras chaves: violência doméstica, violência intrafamiliar, violência conjugal, enfrentamento e severidade da violência. Para a construção do Roteiro de Entrevista, foram utilizados e adaptados quatro estudos (Sá, 2011; Lima, 2010; Tavares, 2008; Rios, 2006).

Após a elaboração do instrumento, foi realizada uma testagem do mesmo para estimativa do tempo de aplicação e adequação das questões. Para tal finalidade, foi aplicado o Roteiro de Entrevista com uma mulher vítima de violência doméstica com características semelhantes às da amostra.

Devido à extensão do Roteiro de Entrevista e do cansaço constatado na participante durante a testagem, este foi dividido em duas partes. Na primeira foram contempladas as dimensões “sobre a violência sofrida” e “sobre o enfrentamento”, totalizando 39 perguntas. A segunda continha as outras dimensões: “relacionamento com parceiro” e “sobre infância e família de origem dos pais da vítima”, totalizando 23 perguntas.

Durante a testagem foram observadas dificuldades de compreensão nas dimensões “sobre o enfrentamento” (questões 19 e 20); “Relacionamento com o Parceiro” (questões 5, 6 e 8) e “Sobre a infância e família dos pais da vítima” (questão 10). A seguir se encontra a Tabela 1, com as alterações realizadas após a testagem.

Tabela 1 - Alterações do Roteiro de Entrevista

Dimensão	Testagem	Alterações
Sobre Enfrentamento	19. Quais suas perspectivas para o futuro?	19. Você tem planos para o futuro e objetivos para a vida? Quais?
	20. Como você se vê?	20. Que característica você acha que tem? Como você se descreve?
Relacionamento com o Parceiro	5. Quais aspectos positivos tem na relação?	5. Quais aspectos positivos você aponta na relação com seu companheiro?
	6. Teve violência doméstica sobre o agressor?	6. O agressor já sofreu violência doméstica?
	8. O que você costuma fazer depois?	8. O que você costuma fazer depois da violência sofrida?
Sobre infância e família de origem dos pais da vítima	10. Quais os tipos de disciplina usada?	10. Como seus pais disciplinava seus irmãos e você?

Após as alterações no instrumento, o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP-Araraquara, com todas as especificações que a pesquisa em seres humanos exige, conforme resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Após aprovação do mesmo (Anexo D e Anexo E), contatou-se, via telefone, o CREAS/Centro de Referência da Mulher, para solicitação de ajuda em encontrar participantes que atendessem os critérios do estudo.

O Centro de Referência da Mulher tem fichas com informações das pessoas que passaram por atendimento na instituição. A instituição procurou nas fichas e entrou em contato com as mulheres que estavam no perfil da pesquisa para explicar sobre a mesma e pedir autorização para fornecer o contato.

Após esta etapa, a pesquisadora entrou em contato com as mulheres para explicar mais detalhadamente a pesquisa, e convidá-las para participar da mesma. Com a aceitação, agendou-se dia e horário com as participantes.

Quando as participantes compareceram ao Centro de Referência da Mulher, individualmente, foi apresentada novamente a pesquisa e explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com objetivo de esclarecer os procedimentos da mesma. Após a assinatura do TCLE (Anexo B), iniciou-se a

entrevista.

As entrevistas individuais tiveram o objetivo de conhecer a forma de violência sofrida, a severidade da mesma e as formas de enfrentamento que as participantes utilizam neste processo.

O roteiro de entrevista semi-estruturado é composto por 62 perguntas abertas, divididas nas dimensões mencionadas acima. A aplicação da entrevista foi dividida em duas partes, para minimizar possível cansaço e saturação por parte da participante, conforme identificado na testagem. Apenas uma participante realizou a entrevista em duas partes, como mencionado acima. As outras mulheres optaram por realizar a entrevista sem interrupção, sendo realizada em um único dia. As entrevistas foram gravadas e transcritas para garantir a fidedignidade dos dados.

Os participantes tiveram a liberdade em aceitar ou não participar, podendo interromper sua participação a qualquer momento, sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora e a instituição. Foram ressarcidos os gastos das participantes da pesquisa.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados coletados por meio do instrumento (Entrevista semi-estruturada) foram submetidos à análise qualitativa. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo considerando as categorias propostas pelo roteiro de entrevista e pela literatura sobre enfrentamento.

A entrevista semi-estruturada foi utilizada nesta pesquisa, porque a mesma possibilitou que as mulheres vítimas de violência tivessem voz ativa, ou seja, que estabelecesse um momento de diálogo e interação com a pesquisadora, revelando assim, o que pensam, percebem ou sentem sobre o tema investigado.

A entrevista semi-estruturada propiciou abertura para a expressão singular das mulheres entrevistadas, bem como para uma reflexão mais profunda dessas sobre diversos aspectos da realidade onde as participantes estão inseridas.

Como mencionado, as entrevistas foram submetidas à análise das categorias temáticas, baseada no roteiro de entrevista e da literatura da área. Para isso, a análise da entrevista foi dividida em três etapas. A primeira consistiu na organização do conteúdo a partir da leitura sistemática das entrevistas. A segunda etapa, diz respeito a recortes de trechos das entrevistas que correspondem as categorias temáticas. A terceira etapa refere-se às aproximações e comparações entre as respostas das participantes vítimas de violência doméstica, interpretando-as.

Todas as respostas coletadas foram analisadas de forma cuidadosa, possibilitando a extração das informações para responder os questionamentos da presente pesquisa.

6 RESULTADOS

6.1 Caracterização das participantes

Os resultados se iniciam com uma caracterização das participantes, para melhor compreensão das respectivas histórias pessoais e individualidades. Para garantir o anonimato, as participantes foram denominadas de P1, P2, P3 e P4. Seus filhos, citados pelas participantes, foram denominados com F e o respectivo número referente sua mãe.

A Tabela 2, a seguir, apresenta a caracterização das participantes, vítimas de violência doméstica.

Tabela 2 - Dados das Participantes

Participantes	Idade	Estado Civil	nº filhos	Escolaridade	Tempo Exposição à violência	Religião
P1	24	Solteira	4	Ensino Médio Incompleto	11 anos	Católica
P2	31	Solteira	1	Ensino Médio	3 anos	Espírita
P3	37	União Estável	2	Ensino Médio	5 anos	Não Possui
P4	37	Separada	3	Ensino Fundamental	19 anos	Católica

Duas participantes (P2 e P3) continuam vivendo com o agressor. Outras duas participantes trabalham em horário comercial (P1 e P4). Apenas uma participante não possui religião (P3). A média de idade das participantes é 32,25. A média de filhos é 2,5 e a média de exposição à violência é 9,5 anos.

A seguir, são apresentadas mais informações sobre a história de vida das participantes, de forma a permitir uma análise contextualizada, das estratégias de enfrentamento à violência, utilizadas por elas.

Participante 1

P1, na infância, morava com sua mãe e um irmão de 22 anos. Seu pai faleceu de hepatite. O relacionamento em família era bom e não tinha brigas com agressões,

segundo relato da P1. Hoje o irmão é casado e mora em uma cidade próxima de onde P1 reside.

A participante conheceu o companheiro (agressor) em um baile. Namoraram 3 meses e P1 foi morar com ele. Ela tinha 13 anos, deixou a casa da mãe para morar com o companheiro, que tinha 17 anos e sua sogra. A mãe de P1 foi contra o relacionamento porque o companheiro fazia uso de bebidas alcoólicas. P1 se arrepende e se culpa por não ter seguido os conselhos de sua mãe.

O parceiro começou a agredir P1 depois de 5 ou 6 meses de relacionamento. Ele não aceitava que P1 rompesse o relacionamento. Após o falecimento de sua mãe, P1 relata que para não ficar na casa de outras pessoas, continuou morando com o agressor. Fez diversas tentativas de mudar-se para casa de parentes, mas o agressor conhecia onde todos moravam. Em diversas situações, quando o parceiro chegava em casa e não encontrava P1, procurava-a na casa dos parentes e cometia agressões contra ela.

Após conseguir separar-se do parceiro, P1 relata que mesmo assim, até hoje o agressor não aceita o término do relacionamento, e que vai até a casa da mesma todos os dias perturbá-la e, ainda pratica agressões a ela e seus filhos. Há um mês e meio atrás, P1 precisou ficar em um hotel que a prefeitura forneceu para garantir sua segurança. P1 se descreve como uma mulher batalhadora, durante a entrevista.

Atualmente P1 mora em uma casa própria, que ainda está efetuando o pagamento. Apresenta abastecimento de água, luz e coleta de lixo. A residência tem 3 cômodos (sala, cozinha e 2 quartos) e um banheiro. Tem rendimento familiar de aproximadamente R\$600,00 reais, dinheiro este proveniente do trabalho de P1. Relatou que recebe bolsa família, mas no momento este benefício está bloqueado. Não possui automóvel, tem uma TV e os seguintes eletrodomésticos: máquina de lavar, geladeira, DVD.

Participante 2

Em relação a P2, seu pai faleceu de meningite quando a mesma tinha 10 anos de idade. Ficaram morando na casa: a mãe, P2 e duas irmãs. A família da mãe e do pai falecido ajudaram na criação dos filhos, porque a mãe de P2 entrou em depressão após o falecimento do marido.

Segundo relato de P2, esta era próxima das duas irmãs na infância, passeavam e saíam juntas e havia companheirismo. Hoje P2 tem mais proximidade e contato com

apenas uma irmã. Seus pais disciplinaram P2 e suas irmãs com diálogo e castigos. Relata que seus pais nunca bateram nos filhos.

O primeiro namorado de P2 é o pai do seu único filho (F2). Começou namorar o pai do F2 quando tinha 15 anos e ele 16. Engravidou com 16 anos de idade. A mãe de P2, segundo relato da mesma, ficou chocada e magoada com P2 devido à gravidez.

P2 conheceu seu atual companheiro (agressor) no trabalho, no horário da refeição. Namorou 1 ano e relatou que o parceiro era um “santo”. O parceiro mudou de comportamento, ficando agressivo, quando P2 foi morar com ele. O agressor pediu para P2 parar de trabalhar na mesma época e P2 concordou. Durante a entrevista P2 se descreve como uma pessoa fechada e que apresenta sentimento de solidão.

Atualmente P2 mora em uma casa alugada. Apresenta abastecimento de água, luz e coleta de lixo. Tem 2 cômodos (quarto e cozinha) e 1 banheiro. O rendimento familiar é de aproximadamente R\$900,00 reais, dinheiro este proveniente do trabalho do “esposo”. P2 não recebe pensão ou auxílio do governo. Não possui automóvel. Em sua casa tem uma TV e relatou que apresenta apenas geladeira como eletrodoméstico em sua residência. P2 continua residindo com o agressor.

Participante 3

P3 tem 8 irmãos, destes, 3 são do primeiro casamento do pai. Todos são casados e tem filhos. O pai de P3 faleceu há 14 anos devido a um tumor cerebral. Realizou cirurgia e tratamento de quimioterapia e radioterapia. Sua mãe faleceu há 5 anos por causa de tumor na medula óssea, sendo que descobriu o câncer quando já estava com metástase, fez uma cirurgia para verificação do tipo de câncer e faleceu logo em seguida.

P3 tem nível médio de escolaridade e está cursando técnico em enfermagem. Está com o companheiro há 10 anos. Conheceu o marido no trabalho. Hoje, P3 tem 37 anos e seu marido 38. Mora com o companheiro e tem 2 filhos, um de 9 anos e uma de 2 anos. O filho mais velho foi diagnosticado com hiperatividade e faz tratamento.

P3 relatou que não queria ter filhos, porém engravidou dos dois filhos sem querer. Quando descobriu a primeira gravidez, P3 foi morar com o companheiro.

Sofreu um único episódio de violência física em agosto de 2001, foi na delegacia e fez exame de corpo de delito, depois foi para o CREAS. Relatou que sofre violência

psicológica de 5 anos para cá. P3 se descreve como uma mulher dinâmica, sincera e feliz, durante a entrevista.

Atualmente está desempregada, mora em um apartamento próprio de 42m², que ainda está efetuando o pagamento. Apresenta abastecimento de água, luz e coleta de lixo regularmente. A residência é composta por 4 cômodos (sala, cozinha e dois quartos) e um banheiro. Tem rendimento mensal de aproximadamente R\$2000,00 reais, dinheiro este proveniente da P3 e de seu marido. P3 não recebe auxílio do governo. Possui um automóvel, 3 TVs. P3 relatou ter os seguintes eletrodomésticos: máquina de lavar, geladeira, rádio, batedeira, liquidificador, computador, micro-ondas, aspirador de pó e ventilador.

Participante 4

Relatou que na casa dos seus pais não havia brigas. P4 teve uma infância boa e aproveitou bastante. Tem 6 irmãos vivos e um falecido. A mãe de P4 ficou viúva, teve quatro filhos do primeiro casamento. A mãe de P4 casou com seu sogro, que é o pai da P4. Ele também era viúvo, e começou ajudar a mãe de P4 com os quatro filhos e ficaram juntos. P4 relata que ele virou seu pai-vô. O pai de P4 era avô dos irmãos do primeiro casamento. Neste segundo casamento, tiveram mais quatro filhos, considerando a P4.

P4 relatou que sua mãe foi mais feliz no segundo casamento, porque no primeiro ela sofria violência doméstica. O pai de P4 faleceu quando ela tinha 8 anos. P4 se relacionava bem com os irmãos, ficavam sempre juntos.

A participante conheceu o companheiro (agressor) com 15 anos de idade. Começaram a namorar e P4 engravidou e foi morar com o agressor. Viveu com o mesmo 19 anos, tem 3 filhos. Um dos filhos quer ser padre e P4 diz que ele vive para igreja, uma filha já é casada e a outra é pequena. Hoje P4 tem 37 anos, trabalha como empregada doméstica das 8:00 as 17:00 horas e é separada. Se descreve como uma mulher calma e tranquila.

Atualmente P4 mora em uma casa alugada, apresenta abastecimento de água, luz e coleta de lixo. A residência contém 4 cômodos (sala, cozinha e 2 quartos) e um banheiro. Apresenta rendimento mensal de aproximadamente R\$1300,00 reais, dinheiro este proveniente do trabalho de P4 e de seu filho do meio. Não recebe pensão ou auxílio

do governo. P4 não possui automóvel, possui uma TV e os seguintes eletrodomésticos: máquina de lavar, geladeira, micro-ondas, liquidificador, batedeira, DVD e notebook.

6.2 Tipos e severidade da violência sofrida pelas mulheres

Na Tabela 3, a seguir, são apresentadas as diferentes formas de violência que as participantes relataram ter sofrido ou estarem sofrendo.

Tabela 3 - Tipos de Violência

Participantes	Tipo de Violência			
	Psicológica	Física	Sexual	Outras
P1	X	X	X	
P2		X		
P3	X	X		
P4	X	X		

Pode-se observar que todas as participantes relataram sofrer e/ou ter sofrido violência física. Três participantes relataram sofrer violência psicológica e apenas uma participante relatou ter sofrido violência sexual. Todas as participantes sofreram violência por mais que um ano, P1 relatou sofrer violência por 11 anos, P2 sofreu por 3 anos, P3 sofreu por 5 anos e P4 sofreu violência durante todo o tempo que vive com o agressor, ou seja, durante 19 anos.

A Tabela 4, a seguir refere-se às práticas e ações agressivas que as mulheres sofreram, que configuram como violência física, psicológica ou sexual.

Tabela 4 - Práticas e ações agressivas

Tipo de Violência	Categorias	Na vida (mais de 2 anos)			
		P1	P2	P3	P4
Violência Psicológica	Insultos e sensação de mal estar	X	X	X	X
	Depreciação e humilhação	X	X		X
	Intimidação e susto	X	X	X	X
	Ameaças à machucá-la ou machucar alguém	X		X	X
Violência Física	Tapa ou jogou objetivos	X	X	X	X
	Empurrão ou Chacoalhão	X	X	X	X
	Soco	X	X		X
	Chute, arrastou-a ou surrou-a	X	X		
	Estrangulação ou queimadura			X	
	Ameaça ou uso de arma de fogo ou faca	X	X	X	X
	Forçar fisicamente a manter relações sexuais	X	X		
Violência Sexual	Realização de relação sexual por medo	X	X		
	Forçar à prática sexual degradante ou humilhante	X			

Pode-se considerar que as participantes sofreram várias formas de agressões. P1 relatou que o companheiro batia em todas as partes do corpo e com qualquer objeto, a Participante P2 relatou que iniciava com agressões verbais, a Participante P3 relatou que aconteciam discussões antes das agressões, e a Participante P4 relatou que as agressões se iniciavam com brigas. Abaixo, encontram-se trechos das falas das participantes.

“Ele batia com tudo. Soco, tapa, pegava a faca e me furava. Já cortou meu cabelo com a faca. Quebrava a casa inteira e depois mandava eu limpar. (...) ele me empurrou da escada. Me bateu de correia dentada. Tive muito machucado já (...) ficava com o olho roxo e a cara toda machucada. (...) Só no dedo [deu ponto] porque ele cortou com um facão. Fui puxar da mão dele, porque ele ia vim em cima de mim, ai cortou. (...) eu e ele chorava ai ele começava a pedir desculpa.” (P1, grifo meu).

“Diariamente. Sempre tem uma coisinha ou outra. Ele vem com agressão verbal pra cima de mim. Ele me chama, eu vou falar, de filha da puta, que sou ordinária, que sou vagabunda, que eu não presto. Valo menos que uma lata de 1 real. Ai ele põem o F2 no meio e minha mãe. Ai vira agressão, porque eu vou em cima dele pra enfrentar ele no verbal, ai ele vem pra cima. Ele me dá chute, empurrão, puxa meu cabelo, pega no braço assim [demonstra nela mesma] e machuca.” (P2, grifo meu).

“Foi a partir de uma discussão” (P3).

“Geralmente começava com brigas, porque eu não queria fazer algumas coisas para ele, ou quando ele chegava em casa e as coisas não estavam do gosto dele. Como eu falei, teve uma vez que ele jogou a lata de óleo em mim porque eu não fiz os gostos dele. Tinha briga também quando as crianças estavam fazendo barulho. Tudo já era motivo de briga, também quando ele chagava bêbado. Ai algumas vezes aconteciam as agressões, ele empurrava dava tapa.” (P4).

Foi questionado às participantes se os agressores faziam uso de substâncias psicoativas, sendo que P1 relatou que sim, a Participante P2 disse que o agressor faz uso de bebidas e cigarro (4 maços por dia), P3 disse que o mesmo só bebe em festividades, e P4 relatou que o agressor já fez uso de substâncias psicoativas, mas atualmente faz uso de bebidas.

Apenas P1 relatou que a mãe do companheiro era violentada pelo pai, como acontece na relação dela com o parceiro. As outras participantes disseram que os agressores não sofreram ou presenciaram violência doméstica.

As participantes descreveram os respectivos companheiros e todas as mulheres falaram sobre os parceiros e ex-parceiros de forma negativa, como pode ser verificado nos trechos abaixo:

“Era ruim, era só briga, só discussão. Ele vivia só no bar. (...) Ele chegava do serviço já ia direto para o bar, e chegava em casa e já ia me bater depois, todo dia. (...) Ele tinha ciúmes de tudo. Não podia por o pé pra fora. Ele chegava, me batia e me acusava das coisas” (P1).

“Péssima. Ele levanta e já vai para o bar, ai ele volta bêbado, ai ele vem com ofensas. Tem hora que eu fico quieta, porque eu falo, não adianta né porque ele tá bêbado. Mas ai ele vem pra cima de mim, ele quer ter relação de qualquer jeito, sabe? É assim, não tem sossego” (P2).

“A criação da gente foi diferente em muitos aspectos. Eu acredito que a gente é um pouco do que nossos pais foram, do tratamento recebido, você acaba conseguindo transmitir. O que você não aprendeu, você não vai transmitir nunca. Então assim, o fato dele ser homem, então, possivelmente ele se espelhou no pai. E o pai dele difere do meu em muitos aspectos. (...) Então no aspecto carinhoso de ser, de lidar com as coisas, eu vejo que ele é muito bruto, muito rude com o F3” (P3).

“Ele sempre trabalhou, sempre foi bravo, nunca foi de dar atenção para mim nem para as crianças, não é muito bonito, mas não sei por que eu gostava daquele homem” (P4).

As participantes também relataram dificuldades no relacionamento. As Participantes P1 e P4 relataram a bebida, já as Participantes P2 e P3 relatam a dificuldade na comunicação com o parceiro. P2 ainda relata a facilidade de irritação, dependendo do que é dito ao parceiro e P3 relata que o parceiro é inflexível. Segue trechos das falas acerca das dificuldades das participantes no relacionamento:

“O desenvolvimento dele com a pinga. Porque sem bebida ele não era ruim” (P1).

“É difícil conversar com ele. Você tem que pensar muito o que vai falar, o que vai fazer, porque qualquer coisinha ele se irrita e vem pra cima”. (P2).

“(…) eu penso assim né, meninas acabam se espelhando na mãe e meninos no pai, só que, tudo o que eu vejo de importante, que minha mãe era, e que me ensinou tudo, eu trouxe para a minha e, que o que eu não gostava eu fui deletando com o passar do tempo, eu fui aprimorando tudo isso, eu não posso dizer para você que eu sou uma pessoa do mesmo estilo da minha mãe, só que tem coisas dela e tem coisas dela que eu sou diferente. Minha mãe era uma pessoa muito mais doce do que eu, sou só que tem coisas que eu faço com meus filhos que minha mãe jamais fez, sempre é uma evolução, e é isso que ele não consegue muito trabalhar dentro. Ele é uma pessoa sabe, o famoso cabeça dura. Que é difícil você fazer entender, você tem que ficar lá, mostrando, mostrando, mostrando, esgota um pouco isso né!” (P3)

“Ele bebia muito, e sempre que eu mandava ele embora, ele voltava, pulava o muro de casa e entrava, aí eu aceitava de volta. As crianças sofreram muito com isso, principalmente os mais velhos. A minha menina que casou se revoltou muito, saía de casa, era muito namoradeira, respondona, agora ela casou. Agora ela está melhor, mas foi muito ruim, sempre tinha briga, a gente nunca tinha sossego, aí ele falava que iria melhorar, mas nunca melhorava, sempre foi muito ciumento, eu não podia ficar saindo muito de casa que ele já brigava.” (P4).

Para verificar o grau de severidade da violência sofrida pelas participantes, foi considerado o estudo realizado por McFarlanem Parker, Soeken & Bullock (1992), que descreve os graus de exposição à violência. A Tabela a seguir (Tabela 5) refere-se ao grau de exposição à violência, ou seja, a severidade da mesma proposta pelos autores citados acima.

Tabela 5 - Graus de Violência

Grau de Violência	Violência
1	Ameaças de maus tratos ou agressão, inclusive ameaças com armas
2	Tapa, empurrão, sem machucar ou deixar ferimento ou sem deixar dor duradoura
3	Soco, chute, machucado/ hematoma, cortes e/ou ferimentos com dor contínua
4	Espancamento, contusões severas, queimaduras, fraturas de ossos
5	Uso de armas, ferimento por armas

Como mencionado acima, as participantes sofreram vários tipos de violência. Para considerar a severidade e definição do grau da violência, foi considerada a pior violência relatada pelas participantes, para assim, definir qual grau as mesmas vivenciaram.

O histórico de P1 corresponde ao grau 5 de exposição à violência, uma vez que o agressor fez uso de faca para machucá-la. Segue trechos da severidade da agressão sofrida por P1:

“Ele batia com soco, tapa, **pegava a faca e me furava**. Já cortou meu cabelo com a faca. Quebrava a casa inteira e depois mandava eu limpar (...) ele me empurrou da escada [teve fratura na costela] (...) Me bateu de correia dentada. Tive muito machucado já. (...) A cara, ficava com o olho roxo e a cara toda machucada. (...) Só no dedo [deu pontos] **porque ele cortou com um facão. Fui puxar da mão dele, porque ele ia vim em cima de mim, ai cortou.** (...) Ele rasgava minha roupa no meio da rua”.
(Grifos e negritos meus)

Em relação ao histórico de P2 este corresponde ao grau 4 de violência, uma vez que o agressor espancou e fraturou o dedo da participante. Segue trechos da severidade da agressão sofrida por P2:

“Então ele tentou me matar né, ele tacou a fala em mim, mas não deu tempo de acertar (...) **Ele já quebrou meu dedo, ele já socou, deu um murro na minha cabeça, chutava minha perna e ficava roxa.** (...) já veio até com um martelo pra cima de mim. Então me intimidou. Ele fala com o martelo na mão, que se eu largar dele ou se

descobrir que está com outra pessoa ele me mata e mata a pessoa que está junto comigo” (Negritos meus).

Já em relação a P3, o histórico corresponde ao grau 3 de violência, uma vez que o agressor deu soco e fez hematomas. Segue trechos da severidade da agressão sofrida por P3:

“Então foi uma agressão física mesmo, acabou eu até precisando fazer exame de corpo e delito, ele me bateu no rosto, **ficou uns hematomas no braço, no rosto.** (...) Usou tesoura [ameaçou, sem feri-la] (...) Tentou esganar.” (Grifos e negritos meus).

E finalmente, o histórico de P4 corresponde ao grau 2 de violência, uma vez que o agressor dava tapas e empurrões. Segue trechos da severidade da agressão sofrida por P4:

“(…) já ameaçou com pau, jogou objetos. (...) teve uma vez que ele jogou a lata de óleo em mim porque eu não fiz os gostos dele. Tinha briga também quando as crianças estavam fazendo barulho. Tudo já era motivo de briga, também quando ele chagava bêbado. Ai algumas vezes aconteciam as agressões, **ele empurrava dava tapa.**” (Negritos meus).

6.3 Estratégias de enfrentamento à violência doméstica sofrida

Em relação às estratégias de enfrentamento, segue abaixo na Tabela 6, as categorias e estratégias indicadas pelas mulheres da presente pesquisa para o enfrentamento à violência doméstica sofrida.

Tabela 6 - Categorias e Estratégias de enfrentamento

Categorias	Estratégias de Enfrentamento Indicadas pelas Mulheres
Confronto	Enfrentar o agressor verbalmente, desafiando-o
	Denúncia
Afastamento	Não Retornar ao lar após denúncia
	Trabalho
	Divórcio
	Ficar quieta e ignorar
Autocontrole	Ausência de culpa
	Aguentar

	Mudar de ambiente e assunto
	Chorar
	Tratar o agressor como se nada tivesse acontecido
	Familiares
	Filhos
	Amigos
Suporte Social	Pessoas importantes: avó, irmã, filhos, cunhada
	Instituições: CREAS, Delegacia, Igreja, Casa Abrigo, Albergue Infantil
	Assistência social
Fuga e Esquiva	Vontade de sair da casa do agressor
	Se trancar no quarto
	Chamar a polícia
Resolução de Problemas	Conversar
	Arrumar trabalho
	Ignorar a agressão e acreditar que não vai mais acontecer
	Conversar e ter apoio dos filhos
Reavaliação Positiva	Rezar
	Compreender descontrolo do parceiro
	Aspectos positivos do parceiro
	Assistir Tv
	Visita a mãe
Lazer	Sair com filhos
	Fica em casa
	Passeio com amigos
	Ir em eventos e festas
	Ser livre
	Mudar de casa
Planos para o Futuro	Fazer faculdade
	Trabalhar para garantir auto-sustento
	Cuidar da casa e dos filhos

Em relação à categoria “Confronto”, apenas P2 apresentou tal enfrentamento, como pode ser observado no trecho extraído da fala da mesma:

“Eu falo pra ele vim pra cima de mim, porque se ele vier pra cima de mim eu também vou pra cima dele. Posso me machucar, mas tem delegacia da mulher né. O boletim está em aberto ainda. Ai ele fala que não vai ir pra cima de mim, mas sempre alguma coisinha ele faz. Ou ele bate, empurra, puxa cabelo. Sempre alguma coisa ele faz, é todo dia, principalmente quando ele quer fazer relação comigo e eu não quero fazer (...). Verbalmente ele agride, e já chegou a machucar a mãe dele. Só que eu enfrento ele, hoje em dia em enfrento, mas antigamente eu não enfrentava (...) só depois que fiz a denúncia [que consegue enfrentá-lo].(...)Eu não vou ficar quieta, porque ele fica me xingando, me humilhando, xingando meu filho, minha mãe. Eu respondo.” (P2, grifo meu).

Em relação à categoria “Afastamento”, todas as participantes apresentaram como estratégia de enfrentamento a realização da denúncia. Porém, P3 não foi fazer a representação, que na época era necessário. P1 realizou 10 denúncias, P2 e P3 realizaram uma denúncia. A participante P4 não soube relatar a quantidade de denúncias realizadas, conforme pode ser verificado no seguinte trecho da fala da mesma:

“Não sei várias, mas eu sempre retirava as denúncias, menos da última vez, porque eu falei para ele que se ele me batesse de novo eu não ia retirar a queixa.”

As Participantes P1, P2 e P3 fizeram a denúncia na Delegacia da Mulher. A P4 chamou a polícia. O motivo que desencadeou a atitude das participantes para realização da denúncia foi ter sofrido violência física. Abaixo segue alguns exemplos relatados pelas participantes:

"Foi porque ele me machucou na costela com um soco." (P2)

"Eu chamei a policia. Foi da ultima vez que ele me bateu." (P4)

Ainda na categoria “Afastamento”, é verificado como estratégia de enfrentamento o fato da maioria das mulheres não retornarem ao lar após a denúncia. P1, P2, e P3 não voltaram ao lar logo após a denúncia. P1 e P2 dormiram na casa de familiares, enquanto P3 voltou para seu lar a noite. A Participante P4 realizou a denúncia e voltou ao lar, por ser um lugar mais fácil para ir. Abaixo encontram-se trechos das falas das mulheres referente a esta estratégia de enfrentamento.

“Não retornava porque corria risco dele me matar, né, sei lá, de fazer coisa pior. (...) Muitas vezes eu ficava na casa de parente. 4 ou 3 vezes eu passei pela casa abrigo.” (P1).

“(...) fiquei na casa da minha mãe 2 dias. E ele foi atrás de mim. Eu não queria mais ficar com ele, mas aí fica aquela história que ele vai mudar, vai se tratar.” (P2).

“(...) eu fui para a casa da minha irmã, passei um tempo, aí eu fui para casa. Assim eu voltei no mesmo dia, porém bem mais tarde, não logo em seguida.” (P3).

“Sim [retornou ao lar], porque era para onde eu podia ir, era nos fundos da casa da irmã dele, então era mais fácil, porque eu podia ficar lá com ela e com os meninos.” (P4, grifo meu).

Continuando na categoria “Afastamento”, considerando a estratégia de enfrentamento “Trabalho” verifica-se que apenas as participantes P1 e P4 trabalham em horário comercial e P4 relatou gostar de trabalhar.

Permanecendo nesta categoria, observou-se que as participantes P1 e P4 conseguiram o divórcio ou a saída do agressor da residência. Todas as participantes relataram dificuldades em se divorciarem dos respectivos companheiros. Abaixo encontram-se trechos das falas, referentes a este tópico.

“Tentei terminar várias vezes e ele não aceitava mais. Aí ele ficava na porta da minha casa o dia inteiro, não deixava eu sair, estudar. Ele rasgava minha roupa no meio da rua. Ele não aceitava mais. Aí como minha mãe faleceu, eu continue com ele. Eu cheguei ir para casa de parente, mas ele nunca dá sossego. Ele descobre, é a primeira coisa que ele faz se chegar em casa e eu não tiver é ir na casa dos meus parentes, ele sabe onde mora todos (P1)

“Eu na verdade me arrependo de não ter divorciado dele antes. Preciso criar coragem e largar dele de vez e não voltar mais pra traz (...) Eu tenho medo de separar dele e ele fizer alguma coisa contra mim. Me encontrar assim no meio da rua, eu sei que ele é capaz de tudo. Aguento por medo.” (P2)

“Meu filho sempre conversou muito comigo, o que vai ser padre, me incentivava a me separar do pai dele” (P4)

Na categoria “Autocontrole” pode-se identificar que P2 e P3 relataram ficar quieta e ignorar a violência como forma de enfrentamento. A seguir, têm-se alguns trechos das falas das participantes.

“Tem hora que eu fico quieta, porque eu falo, não adianta né, porque ele tá bêbado.” (P2)

“(...) então, não tocar muito no assunto, e eu decidi, meio que dar uma engolida na história, e tentar pensar que foi um único episódio, e que isso não vai acontecer mais. E de fato realmente não aconteceu. (P3)

Também foi verificado na categoria “Autocontrole” a ausência de culpa das participantes P3 e P4, conforme pode ser verificado abaixo.

“Culpa, nenhuma, de forma nenhuma. Lembranças, eu não tenho lembranças boas, eu tenho lembranças ruins de uma pessoas que estava assim, muito transtornada, na minha opinião, e não consegui se dominar, para mim, não consegui segurar o que tinha de mais feio dentro dele e quis por para fora! Eu penso desta forma. (...) Tristeza não sinto, mas eu fico repudiando o que aconteceu sabe! Muitas vezes eu fico tentando entender sabe, alguma coisa que eu nunca vou entender, mas o que leva a fazer sabe.” (P3).

“(...) sei que não sou culpada, mas eu casei e casamento a gente tem que respeitar” (P4).

Ainda na categoria “Autocontrole” foi verificado no relato da participante P4, como forma de enfrentamento, que a mesma aguentava a violência, conforme trecho a seguir:

“(...) minha mãe falava que no casamento a gente tinha que aguentar as coisas, por isso eu aguentava. Sei que as vezes ele ficava muito nervoso porque eu brigava. Às vezes as brigas aconteciam porque ele levava os amigos em casa e queria que eu ficasse servindo eles, e teve uma vez que eu mandei ele mesmo pegar, ai ele ficou nervoso, e jogou a lata de óleo em mim. Eu fiquei triste, mas sabia que eu tinha que aguentar” (P4)

Outra característica de enfrentamento presente na categoria “Autocontrole” diz respeito ao mecanismo de mudar de ambiente e assunto. Este procedimento pode ser verificado abaixo:

“(...) o fato de talvez sair um pouco de casa, ir para a escola, falar de outras coisas, esquecer um pouco sabe”. (P3).

Continuando na categoria “Autocontrole”, pode-se verificar que a P1 utilizava como recurso chorar, conforme é verificado abaixo:

“Ele batia, depois pedia desculpa e dormia normal, como se nada tivesse acontecido e eu chorava a noite inteira” (P1)

Também na mesma categoria, foi verificado como enfrentamento, P1 tratar o agressor como se nada tivesse acontecido. A seguir trechos da fala da participante que descrevem:

“Tinha que tratar ele numa boa como se nada tivesse acontecido, porque senão a tarde era a mesma coisa ou pior. Não podia ficar falando ou lembrando, porque ele já tinha pedido desculpa o dia antes, então era como se não tivesse acontecido nada.” (P1)

Em relação à categoria “Suporte Social”, as participantes apresentaram como estratégias recorrer a familiares, filhos, amigos. Consideram como pessoas importantes e que podem contar no seu cotidiano avó, irmã, cunhada e novamente os filhos. Abaixo há trechos das falas das participantes, exemplificando o Suporte Social.

“Só meus filhos, porque minha família não se envolve porque tem medo dele. (...)Tenho um irmão que mora em Ibaté. Minha mãe e meu pai faleceram. Tenho só uma avó, que tem medo(..)Assim, para pedir ajuda pode ser pra minha avó, que mora com minha tia, só que não para ir para casa dela, porque eu não posso(...)Ah, se ele vai me bater, eles [filhos] entram no meio. Se eu peço para eles irem para casa de alguém, eles concordam. Até mesmo para o albergue, já concordaram, porque não tinha onde ficar. Já ficaram comigo na casa abrigo, uma vez que aconteceu a noite”. (P1, grifo meu).

“Minhã mãe, o F2, minha irmã, minha sogra (... minha mãe vive falando que não criou filho pra sofrer na mão de homem nenhum. Então ela fala, a hora que você quiser vim a porta da casa tá aberta, você não é obrigada a ficar com ele. Onde eu posso me refugiar mesmo é na casa da minha mãe, porque não adianta eu falar que vou ficar na casa da minha sogra, porque ela mora lá (...) Quando ele [filho] presenciava, ele me defendia. Ele mandava parar, falava vamo embora para a casa da vó. Há três anos e meio atrás, ele ia passar o final de semana comigo e ai ele via. E a discussão sempre teve porque ele não aceitou o F2, por ele ser filho de outro homem. Na verdade, ele acha que porque ele não gosta do F2 eu também não posso ter relacionamento com o F2, não posso visitar o F2, não posso conversar.”(P2, grifo meu).

“Os meus filhos, o meu marido, e como eu te falei, eu estudo, passo tempo com as pessoas que estudam comigo mas não exatamente estão presentes dentro da minha casa e tudo mais, e minha família mais (...) Se não tivesse filhos, seria mais difícil de você olhar para frente né, porque você vai olhar para o filho e você sabe que ele vai precisar de você e você tem que estar lá, né, independente de qualquer coisa você tem que estar lá, eu acho que nesse sentido né, de me ajudar a enfrentar. Sempre pensando no bem estar deles e no meu né, como estímulo para continuar!” (P3).

“Meus filhos, minha mãe, minha cunhada, que me ajudou bastante. (...) eles [filhos] ficavam quietos quando eram pequenos, mas quando eles cresceram eles se revoltaram mais, principalmente minha filha, meu marido não foi no casamento dela, ela ficou triste, mas achou que foi melhor também, meu filho conversa muito comigo, ele vai ser padre, quando ele voltou do seminário ele dizia que não gostava de me ver sofrendo e que queria que eu tomasse uma decisão.” (P4, grifo meu).

Ainda no “Suporte Social”, as participantes, abordaram algumas instituições de apoio, como por exemplo CREAS, Delegacia da Mulher, Igreja (apenas para P4), Casa Abrigo (apenas para P1) e Albergue Infantil (apenas para P1). A Tabela 7, a seguir, apresenta a importância das instituições de apoio para cada participante.

Tabela 7 - Importância das instituições de apoio

Participantes	Instituições	Importância das Instituições de Apoio
P1	CREAS e Delegacia	"Pra mim, aqui o CREAS, por exemplo, eu não fiquei na rua. Porque quando eu precisei, pelo menos eu não fiquei na rua."
P2	CREAS	"Sei lá, uma forma deles ajudar a gente. É uma forma de defesa que a gente tem né."
P3	CREAS	"Importância, talvez a importância esteja porque no dia eu queria alguém para me ouvir né! Alguém para poder falar o que estava acontecendo né, você acaba se sentindo extremamente mal. Então foi importante neste sentido né, para poder chegar aqui e falar, e ter alguém para dizer, não, você não é culpada né, não é tudo isso, sabe, tentar te levantar, acho que é importante neste sentido."
P4	Igreja	"Conversava com as pessoas, ouvia sobre Deus."

Ainda na categoria “Suporte Social”, uma das participantes relatou a forma que foi atendida na delegacia. Abaixo segue o relato:

“O atendimento foi um atendimento bom, pelo menos consegui resolver o meu problema de imediato né, porque eu sempre ouvi dizer muito que uma mulher vai na delegacia fazer uma denúncia e ela acaba sendo humilhada, agente vê muito, mas como ali é uma delegacia específica, fica mais fácil, tanto que quem me atendeu foi uma mulher.” (P3)

Ainda na mesma categoria, a participante P1 foi a única que teve contato com assistente social, sendo que as outras participantes não tiveram contato com este profissional. Segue trecho que caracteriza a importância do assistente social para P1:

“Já me forneceu cesta básica pra mim, gás. (...) Foi em um momento que eu estava desempregada, aí eles me ajudaram.” (P1).

Na categoria “Fuga e esquiva”, foi observado como enfrentamento, a vontade da participante P2 de sair da casa do agressor, como é verificado no seguinte trecho:

“Sempre tenho confusão com ele, porque eu quero tirar minhas coisas da casa e ele não deixa. Queria sair em uma situação tranquila, mas ele não aceita (...) tenho aquela necessidade de eu não querer voltar pra casa” (P2)

Outro enfrentamento, utilizado por P3 na categoria “Fuga e esquiva” é se trancar no quarto para não sofrer agressão. A seguir pode ser verificada a fala da participante:

“(...) eu me tranquei no outro quarto e ele por fim foi dormir e tal, aí quando foi no outro dia eu fui para o meu estágio (...)” (P3)

Em relação à categoria “Resolução de problemas”, pode-se observar que a participante P4 chama a polícia como forma de enfrentamento. Segue relato da participante referente a esta questão:

“Eu chamava a polícia, contava para a irmã dele, saia de casa com as crianças quando eu via que ele estava bêbado”. (P4)

Outra estratégia de enfrentamento, na categoria “Resolução de problemas” é conversar, conforme pode ser verificado abaixo:

Muitas vezes eu tentei conversar. Eu gostava muito dele, como eu gostava daquele homem, eu não sei o porque.” (P4).

Ainda na categoria “Resolução de problemas” pode-se verificar que a participante P3 apresenta como estratégia de enfrentamento, querer arrumar trabalho, conforme relato da mesma:

“Na época que aconteceu, o meu único pensamento era: como é que eu ia me separar dele, entendeu, porque assim, uma coisa é bem fato, é que se eu chegar nele hoje e falar para a gente se separar, ele não vai aceitar, então, com tudo isso, como é que eu iria fazer? (...) eu não trabalhava, como ainda não tô trabalhando, então como é que eu vou fazer também para manter meus filhos, minha casa, tudo, que hoje vem dele, como é que eu vou fazer então acaba que você fica entre a cruz e a espada né, não tem muita opção, (...) eu optei por ficar, arrumar um trabalho, me organizar de uma outra maneira diferente né! Hoje no dia de hoje sabe, eu não penso mais em me separar, de imediato, porque não tem um motivo bastante forte, por conta disso. Porém essa ideia não saiu completamente da minha cabeça, porque, quando a gente acaba discutindo, eu penso

que o melhor caminho é a separação, só que assim, (...) não adiante tirar as crianças de uma situação e enfiar elas de qualquer jeito, porque assim, não sei se todo mundo é assim, mas eu me preocupo demais em relação a isso né.” (P3)

Em relação à categoria “Reavaliação positiva” apenas a participante P1 relatou não conseguir pensar em nada positivo. Uma forma de enfrentamento utilizada, referente a esta categoria, diz respeito a conversar e ter apoio dos filhos. Segue trecho das falas das participantes, referente a esta estratégia:

“Meu filho sempre conversou muito comigo (...) ele sempre foi muito meu amigo, um bom filho, ele sempre disse que não queria que eu ficasse sofrendo. Quando eu denunciei desta última vez, ele me apoiou.” (P4).

Outra estratégia de enfrentamento da categoria “Reavaliação Positiva”, indicada pelas participantes, foi rezar. Apenas a participante P4 relatou esta estratégia, conforme pode ser verificado no trecho abaixo.

O pessoal da igreja nunca soube [da violência doméstica], porque eu nunca falei nada, ia na igreja e fazia as minhas coisas, minhas orações” (Grifos meus).

Ainda em relação a “Reavaliação positiva” foi verificado como forma de enfrentamento, compreender o descontrole do parceiro. Abaixo segue trecho das falas das participantes, referente a esta questão.

“(...) eu tenho lembranças ruins de uma pessoa que estava assim, muito transtornada, na minha opinião, ele não conseguiu se dominar, para mim, não consegui segurar o que tinha de mais feio dentro dele e quis por fora! Eu penso desta forma. (...) Muitas vezes eu fico tentando entender sabe” (P3)

Outra forma de “Reavaliação positiva” diz respeito aos aspectos positivos do agressor, relatado pelas mulheres. P1 relata que ele é trabalhador, P2 relata que ele é brincalhão (na ausência de bebida), P3 relata que o parceiro é honesto e sincero. Apenas P4 relata não ter nada de bom no companheiro. Abaixo se encontram trechos das falas das participantes a respeito das qualidades do companheiro ou ex-companheiro:

“Que ele era trabalhador, só. Assim, quando ele não bebia a gente se dava bem. Quando ele não ficava bêbado nós se dava bem.” (P1).

“Quando ele não bebe, ele é uma ótima pessoa. Só que é muito difícil ele não beber, né. Ele é brincalhão, é gostoso você estar na companhia dele, mas hoje em dia

não tem mais este momento gostoso. Porque você nunca encontra ele bom. Todo dia ele é ruim.” (P2).

“Ele é uma pessoa bastante honesta, sincera, ele é uma pessoa que, eu não vejo ele como mulherengo sabe algo desse tipo... eu vejo ele, eu gosto dele sabe, e gosto, talvez eu não consiga te falar o que exatamente é, tem algumas coisas nele que eu gosto, outras não...” (P3).

“Não sei, acho que nenhum, na verdade, eu queria que ficasse todo mundo junto, não sei o porque eu gostava dele. Ele foi meu único companheiro, eu nunca tive outra pessoa, eu gostava dele, mas não sei o que tinha de bom, acho que não tinha nada na verdade.” (P4).

Em relação à categoria “Lazer” foi verificado as seguintes condições: P1 assiste TV e fica em casa. P2 vai para casa da mãe, ver o filho, porém tem resistência para sair e quando não consegue, fica em casa. P3 sai para passear com os filhos e P4 nos dias de folga fica em casa com o agressor e com as crianças, e vai para a casa da mãe e sai para passear no parquinho com as crianças. Segue trechos exemplificando o lazer das participantes:

“Tenho que ficar dentro de casa (...). É assim, até pra eu ir na casa da minha mãe é um sacrifício, entendeu? Fica perguntando porque eu tenho que ir lá, o que vou fazer lá, porque tenho que ver o F2 toda semana (...) Na verdade, quando tem alguma reunião na casa da minha mãe, mas é com muito sacrifício que eu vou. Quase que não. A frequência é mínima. Tenho que inventar alguma desculpa que tem parente na casa da minha mãe” (P2).

“Ah, eu procuro assim, ir passear com as crianças, ir dar uma volta no shopping, quando dá levar no cinema, mas a idade é muito diferente, então as vezes fica complicado né! O programa que dá para um não dá para o outro.” (P3).

Na mesma categoria, as participantes P1, P2 e P4 relataram que não há diversão e descanso com o parceiro. P3 relatou que se diverte poucas vezes, aproximadamente três vezes ao ano com o parceiro. Segue alguns trechos referentes à esta categoria:

“Passear sempre ele queria ir, sempre que estava bêbado. Não tinha sossego, porque só com ele bêbado, só vergonha.” (P1).

“Não [tem lazer com parceiro]. Porque quando ele tá dentro de casa ele tá bêbado.” (P2, grifo meu).

“Quase não existe, porque quando você tem duas crianças pequenas, uma vida atribulada, fica meio complicado né. Umas três vezes em um ano.” (P3).

“Não.” (P4).

Na categoria “Planos para o futuro”, P2, P3, e P4 relataram ter planos e objetivos na vida, já P1 relatou que não tem planos. Segue os planos e objetivos de vida relatados pelas das participantes:

“Quero ser feliz. Ser livre, entendeu? Livre assim, sem tá com ele por perto. Vou falar a verdade, eu nem durmo direito, com medo de no outro dia não amanhecer, não posso sair no portão, nem na calçada pra varrer e por o lixo pra fora. É assim, então sou feita uma prisioneira. Quero me libertar, porque quem sofre com isso também é o F2 e minha mãe [chora]. Eu tenho medo de separar dele e ele fizer alguma coisa contra mim. Me encontrar assim no meio da rua, eu sei que ele é capaz de tudo. Aguento por medo.” (P2, grifo meu).

“Tenho! Planos a gente tem o tempo todo né, tem uns que acabam ficando inviáveis, por causa de uma serie de coisas, ai você tenta ver se recicla este plano, faz alguma coisa diferente né, e tenho sim, eu quero mudar de casa né, meu atual apartamento é muito pequeno para quatro pessoas. O F3 tá crescendo , ele precisa de uma monte de coisas diferentes né. E a [filha] já é bem pequenininha né, então só com dois quartos na casa fica complicado né, e quero terminar o curso que eu estou fazendo né! Tô com planos de prestar o ENEM para fazer uma faculdade, condição financeira de bancar uma faculdade eu não tenho né, mas ai eu vou tentar algum Prouni, SisU, esses apetrechos que o Governo dá para a gente né. E... a princípio, para este ano e ano que vem é isso, e quero trabalhar né, tô lutando, batalhando algumas coisas ai para tentar trabalhar.” (P3, grifo meu).

“Cuidar da minha casa, da minha filha.” (P4)

7 DISCUSSÃO

As principais formas de violência contra a mulher são: física, psicológica, sexual e destruição de propriedade (Sinclair, 1985). Pode-se observar que todas as participantes relataram ter sofrido violência física, uma vez que é a violência mais fácil de identificar e é direcionada para o corpo.

Em relação à violência psicológica, apenas uma participante relatou não ter sofrido este tipo de violência, porém a mesma se contradiz nos exemplos de agressões e relata ameaças e ofensas. A violência psicológica é uma forma de desgastar a vítima, que vive com medo constante (Sinclair, 1985). Ainda, apenas uma participante valorizou mais a agressão física, não considerando todos os tipos de violência existentes contra a mulher. Isso levanta a hipótese da mulher não reconhecer a violência psicológica como uma violência, ou ainda amenizá-la, considerando menos grave, ou até normalizando como muitos fazem.

A violência sexual foi pouco indicada espontaneamente, porém na descrição de exemplos das violências, surgiu no relato de uma das mulheres, que apontou sofrer este tipo de violência. Pode-se refletir que a maioria das participantes considerou a relação sexual como algo obrigatório e necessário, mesmo contra a própria vontade, e não como violência sexual.

A destruição de propriedade foi considerada nesta pesquisa como “outro” tipo de violência, para ver como as participantes entendem e definem este tipo específico de violência que é pouco indicado pelas mulheres em pesquisas da área. Nenhuma participante relatou esta violência, porém em algumas falas fica claro que algumas das mulheres vivenciaram esta violência. A literatura relata que a destruição de propriedade não é levada a sério, pois o agressor direciona sua raiva aos objetos (Sinclair, 1985). Foi verificada a ausência de conhecimento das participantes sobre outras formas de violência, sem ser a física, psicológica e sexual. Ao considerar a destruição de propriedade, é importante relatar que o agressor não destrói qualquer objeto, mas sim o que é propriedade da mulher como forma de atacá-la. Esta violência pode ser utilizada como meio de intimidação e controle do comportamento da mulher (Sinclair, 1985).

Pode-se considerar que a violência contra a mulher é um crime silencioso e escondido, não sendo registrado em sua maioria. Na presente pesquisa, todas as mulheres realizaram denúncia após ter sofrido violência física como estopim de uma

dinâmica constante de violências, porém não denunciaram as outras formas de violência. Apenas uma das mulheres não foi fazer a representação (que na época, a Lei Maria da Penha exigia tal conduta). No ano de 2012, após reformulação da Lei Maria da Penha, a mulher não precisa mais representar, se ela denunciar o processo dará andamento.

A presente pesquisa identificou que antes dos agressores ferirem fisicamente a vítima, os mesmos fazem uso da violência psicológica. Os mesmos dados foram encontrados na pesquisa de Silva, Coelho e Caponi (2007), que diz que as primeiras manifestações de violência se dão pela restrição de liberdade individual da mulher, avançando para humilhações e constrangimentos até chegar às agressões físicas.

Como mencionado por Silva, Coelho e Caponi (2007) a violência psicológica se desenvolve em processo silencioso, sendo de difícil identificação, porém deixa marcas em todos envolvidos. Isso pode ser identificado na presente pesquisa nas falas das mulheres que permaneceram em um lar sofrendo humilhações e insultos.

O objetivo desta estratégia utilizada pelo agressor, em geral, é minar a autoestima da mulher, para que ela tolere as agressões, antes de feri-la fisicamente (Silva, Coelho & Caponi, 2007). Em alguns dos relatos e histórico de violência das mulheres entrevistadas foi possível identificar este mecanismo, que dificulta o uso de estratégias de enfrentamento que consigam romper o ciclo da violência.

A maioria das participantes considerou a violência psicológica como menos importante. Porém é preciso considerar, segundo Silva, Coelho e Caponi (2007) que o sofrimento psicológico pode causar situações graves de saúde, como por exemplo: dores crônicas (costas, cabeça, pernas, braços), síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares. É preciso considerar, ainda, a violência psicológica como problema de saúde pública, independente de eclodir ou não em violência física.

Um dos mecanismos apontados por algumas participantes da presente pesquisa, diz respeito interiorização do desejo do companheiro, anulando os próprios, como pôde ser verificado na ausência de planos para o futuro e para vida. Segundo Silva, Coelho e Caponi, (2007), outros mecanismos podem estar presentes como a própria mulher vítima de violência doméstica se enganar e fingir que não está acontecendo a violência. Estes mecanismos fazem parte da manutenção do ciclo de violência, em que a mulher acaba reforçando para si sua baixa autoestima, agravando ainda mais este ciclo.

As autoras citadas acima relataram que há um agravamento na violência, em termos de quantidade e qualidade, considerando a gravidade das agressões. Isso pôde ser identificado nos altos graus da severidade da violência sofrida pelas mulheres.

É preciso considerar, que sem as intervenções diretas, as agressões tornam-se mais graves com o passar do tempo. Foi possível identificar entre as mulheres a relação entre o tempo de exposição e a severidade da violência. Além disso, foi possível constatar que as agressões ocorrem com mais frequência quando o casal mora no mesmo lar.

A presente pesquisa identificou que as mulheres vítimas de violência doméstica buscam apoio das famílias e amigos, antes de procurar instituições. Os mesmos dados foram encontrados na pesquisa realizada pelas autoras Santi, Nakano e Lettiere (2010).

Foi encontrado ainda, na presente pesquisa, que as mulheres buscam ajuda de equipamentos sociais quando há um agravamento da violência, ou seja, buscam apoio social devido à severidade da violência sofrida. Os mesmos dados foram encontrados na pesquisa de Santi, Nakano e Lettiere (2010).

Na pesquisa realizada pelas pesquisadoras Santi, Nakano e Lettiere (2010), as participantes procuraram à Delegacia de Defesa das Mulheres com o objetivo de justiça e punição ao agressor. Denunciaram seus parceiros por preocupação de sofrerem novas agressões ou ameaças, sendo que o mesmo fato foi indicado pelas mulheres da presente pesquisa.

Uma participante da presente pesquisa mencionou ter tido apoio da instituição Igreja, principalmente na parte emocional. A importância da Igreja também foi encontrada na pesquisa de Lettiere e Nakano (2011).

Todas as participantes relataram possuir apoio, suporte e vínculo familiar, contribuindo assim, para o enfrentamento. Segundo as autoras Lettiere e Nakano (2011) quando não há coesão familiar ou vínculo, o impacto da notícia que sofre violência pode produzir vulnerabilidade frente à mesma.

Ainda na pesquisa realizada por Lettiere e Nakano (2011), as participantes relataram que os serviços de saúde cumprem o papel de tratar apenas o aparente e que as consequências psicológicas da violência, não foram acolhidas pelos profissionais, como as vítimas esperavam. Estes dados não corroboram com os da presente pesquisa. Todas as participantes relataram ter recebido o suporte necessário dos serviços, inclusive com atendimentos psicológico no CREAS.

O fato de todas as participantes terem realizado denúncia pode ser justificada devida à inserção das mulheres no acompanhamento prestado pelo CREAS. Este dado pode ser entendido como um avanço da lei, pois pode ser considerada uma atitude positiva as mulheres procurarem pelos serviços do município, como por exemplo, o CREAS. Cabe ressaltar a necessidade de outros estudos que selecionem mulheres que ainda não estão nos serviços de atendimento, para verificação da realização da denúncia.

Na presente pesquisa foi verificado que as mulheres procuram múltiplas fontes de ajuda, como família e amigos. Não procuraram ajuda de curandeiros, benzedeiras e pai de santo, como encontrado na pesquisa de Bruschi, Paula e Bordin (2006).

As participantes da pesquisa também procuraram apoio de instituições como, por exemplo, delegacia/polícia, organizações de proteção à mulher/abrigos e igreja. Não buscaram ajuda em ambulatório de saúde mental, como encontrado na pesquisa de Bruschi, Paula e Bordin (2006).

Bruschi, Paula e Bordin (2006) verificaram que, das mulheres vítimas de violência grave, 44,4% delas nunca procuraram ajuda, nem de pessoas e nem de instituições. Na presente pesquisa, nenhuma participante que sofreu alto grau de severidade de violência deixou de procurar ajuda. Este é um dado bastante encorajador, pois, mesmo sofrendo violência grave, as mulheres estão tentando romper e/ou romperam com a agressão. Pode-se levantar a hipótese que isso foi possível pelas participantes apresentarem várias estratégias de enfrentamento, tais como: afastamento, autocontrole, suporte social, fuga-esquiva, resolução de problemas, reavaliação positiva, lazer e planos para o futuro. Além disso, pode-se relatar a especial importância dos familiares e das instituições de apoio, como a existência do CREAS na cidade, que foram fundamentais para as participantes.

A presente pesquisa identificou como estratégia desadaptativa a crença de culpa por parte de uma participante. Na pesquisa de Miracco et al. (2010), outras estratégias desadaptativas foram encontradas, como por exemplo: ter estratégias passivas, justificar a conduta do agressor, ter crenças negativas, isolamento, crenças que o agressor pode mudar espontaneamente, relatar que está acostumada com as agressões e crenças de culpa e vergonha.

Neste trabalho foram apontadas mais estratégias adaptativas, se comparado com a pesquisa de Miracco et al. (2010). As estratégias adaptativas encontradas foram: realizar denúncia, apoiar-se em crenças religiosas, apoiar-se em vínculos interpessoais,

resgatar a autodeterminação e firmeza, criar estratégias concretas para algumas situações, tirar o agressor da vida da vítima, por mais que está apaixonada decidir que não aceita certas atitudes/coisas, apoiar-se nos cuidados dos filhos, tirar a vergonha dos pensamentos, pensar que os filhos são saudáveis, ter claro que quer se separar e criar os filhos sozinha, iniciar uma psicoterapia/ir em grupo de autoajuda, focar a atenção no trabalho, ter independência econômica, solicitar que o agressor saia de casa e extrair valores positivos da experiência negativa. A presença de maior quantidade de estratégias adaptativas pode ser pela presença de suporte da sociedade bem como a vontade individual, demonstradas nas estratégias de autocontrole, fuga-esquiva, reavaliação positiva, lazer e planos para o futuro. Todas estas estratégias, com os recursos de apoio da sociedade e as histórias de vida das participantes podem ter contribuído para este processo.

Nesta pesquisa foi encontrado, nos dados de duas participantes, a influência de ideias predominantemente machistas, refletindo assim na submissão, obediência, reprodução e cuidadora do lar, quando as mesmas saíram do trabalho a pedido do companheiro para se dedicar exclusivamente ao lar. Esta influência também foi encontrada na pesquisa de Parente, Nascimento e Vieira (2009).

A presente pesquisa tem concordância em relação a algumas estratégias de enfrentamento citadas por Parente, Nascimento e Vieira (2009), tais como: acreditar nas delegacias, na casa abrigo, nos centros de referências de apoio à mulher e na medida protetiva.

Parente, Nascimento e Vieira (2009) apontaram que as mulheres tiveram dificuldade em romper com a situação de violência, necessitando de esforço individual, coletivo e da sociedade para romper com o ciclo. Na presente pesquisa, apenas duas participantes conseguiram romper com o ciclo de violência. As participantes que romperam com a violência apresentam esforço individual, coletivo e da sociedade, o que mostra a importância desta tríade na ressignificação da violência. A participante com maior grau de severidade de violência apresentava condição socioeconômica mais baixa e apesar das dificuldades, rompeu com a violência, demonstrando assim a importância dos esforços individuais, coletivos e da sociedade. Já a participante com maior condição socioeconômica, permanece morando com o agressor, e a renda do casal é proveniente do companheiro. O fato de não possuir emprego e independência

financeira podem ser dois fatores que contribuem decisivamente para o não rompimento do ciclo da violência.

Nesta pesquisa, foi identificado que as participantes não registravam a primeira ocorrência de violência que sofreram, e só denunciavam após vários episódios da mesma. Estes dados também foram encontrados nos estudos de Parente, Nascimento e Vieira (2009) e Tavares (2008).

Além disso, a presente pesquisa verificou que além das participantes não registrarem a primeira ocorrência de violência, as mesmas faziam a notificação conforme a gravidade da violência sofrida. Há a hipótese de ser mais fácil buscar ajuda na presença da violência grave e severa, inclusive esta sendo um disparador para tal. Ao contrário da violência branda, que aparentemente seria mais fácil para busca de suporte, porém os dados não demonstraram isso. Pode-se pensar, neste sentido, que a violência branda vai sendo tolerada, mas quando torna-se grave as mulheres buscam ajuda, inclusive como uma forma de proteger a própria vida, visto os riscos que correm.

As participantes permaneciam nos relacionamentos por temor, medo e receio de perder a guarda dos filhos e não sobreviver financeiramente sem a presença do companheiro (Pedrosa, 2009). Na presente pesquisa foi observado estas mesmas questões, com exceção ao receio de perder a guarda dos filhos.

Ainda na pesquisa de Pedrosa (2009) as participantes relataram de forma tímida a violência sexual. A autora relata que há dificuldade cultural em reconhecer ou abordar este assunto nas relações conjugais. Estes dados corroboram com a presente pesquisa, verificando a dificuldade das participantes em relatar que sofreu violência sexual do companheiro.

Na pesquisa realizada por Borsoi, Brandão e Cavalcanti (2009), os profissionais da unidade de saúde relataram a violência doméstica é apresentada de forma implícita, não sendo a violência que leva a mulher às unidades. Apenas em casos de violência sexual praticada por estranhos que a violência aparece como demanda explícita. Na presente pesquisa, as participantes não relataram ter procurado a unidade de saúde, sendo que as mesmas procuraram a Delegacia da Mulher e o CREAS. Nestes casos, a demanda da violência doméstica que fez com que as mulheres procurassem os serviços, ou seja, a demanda foi explícita.

Neste trabalho, apenas uma participante teve contato com a casa-abrigo, contribuindo assim para o enfrentamento da violência, como mencionado na pesquisa de Almeida (2010), havendo assim vários benefícios, como por exemplo: ter segurança, de forma imediata, em situação de risco iminente, dar oportunidade à mulher reorganizar-se pessoal e socialmente sem a violência, possibilitou a recuperação psicossocial frente aos danos e traumas da violência e por fim, propiciou troca de experiências com outras mulheres com histórias parecidas.

Tavares (2008) descreveu a violência doméstica em três fases: tensão, explosão e lua de mel. Na presente pesquisa, todas as participantes passaram por estas fases. Na fase de Lua de Mel, o companheiro tenta reconciliação com a mulher fazendo uso de práticas carinhosas e elogios. O companheiro promete que não vai mais agredir a mulher e mostra-se arrependido. Isso faz a mulher pensar que existe o lado bom, o que causa um impasse, deixando-a incapaz de tomar decisões e agir. Estes dados corroboram com os encontrados na presente pesquisa, inclusive duas participantes permanecem nesta “armadilha do ciclo”, como relatado por Tavares (2008).

O autor relatou que as mulheres romperam com o silêncio após terem exaustão da violência, não suportando mais e solicitando ajuda para resolução do problema, tanto na Delegacia da Mulher como para a Rede de Apoio. A presente pesquisa corrobora com estes dados para a maioria das participantes, que após suportarem vários episódios de violência, sofreram um ato que avaliaram como mais grave (violência física) e então denunciaram. É preocupante que mulheres só busquem ajuda nas Delegacias quando sofrem agressão severa, uma vez que o ato violento grave, inclusive com uso de armas, pode ser fatal. No entanto, cabe salientar que a própria investigação e abertura de inquérito policial propicia que mulheres somente denunciem quando ocorre a agressão grave, ou seja, quando o ato em si acontece e deixa marcas visíveis e que funcionam como prova da violência. Quando a mulher procura a Delegacia para denunciar ameaças ou violência mais branda, é muitas vezes, desencorajada pelos policiais a fazer a notificação, com a alegação dos mesmos de que a vítima não tem como provar.

Tavares (2008) verificou que a maioria das participantes que abandonou o agressor já possuía um novo relacionamento. A maioria das agressões aconteceu quando os companheiros estavam sóbrios. As assistentes sociais relataram que a mulheres que sofre violência doméstica, em sua maioria, fazem uso de bebidas alcoólicas para conseguir permanecer no relacionamento. Outra forma de fuga encontrada pelas

mulheres foi pensar no suicídio como única solução dos problemas, e Tavares (2008) também encontrou relatos de automutilação por parte das mulheres vítimas de violência doméstica. Na presente pesquisa não foram encontrados dados semelhantes aos da pesquisa acima.

Ao se discutir enfrentamento, é preciso levar em consideração os fatores de proteção envolvidos na vida das mulheres. Estes fatores são definidos como situações positivas na vida do indivíduo fazendo com que este se proteja em relação aos fatores de risco, possibilitando assim um resultado desejável na vida (Trombeta & Guzzo, 2002). Existem fatores de proteção gerais em relação ao comportamento do indivíduo, como possuir uma religião, atividades escolares e familiares e etc.

Pode-se relatar que as participantes apresentaram como fatores de proteção: afastamento, autocontrole, suporte social, fuga e esquiva, resolução de problemas, reavaliação positiva, apresentarem atividade de lazer e ter planos para o futuro.

Alguns dos principais fatores de proteção apontados pelas mulheres foram possuir religião, não retornarem ao lar, contarem com o apoio de amigos, familiares e filhos, e terem momentos de lazer com o parceiro. Estes fatores auxiliaram as mulheres para o enfrentamento, uma vez que contribuíram para resignificação da violência sofrida.

Segundo Paludo e Koller (2006) as emoções positivas podem contribuir para estratégias de superação das adversidades. O indivíduo em situações de crise é protegido pelas emoções positivas. É importante considerar também as experiências subjetivas (felicidade, bem-estar subjetivo, esperança e etc.), características individuais (capacidade de perdoar, de amar, talento, sabedoria, espiritualidade e etc) e instituições e comunidade (com foco na tolerância, altruísmo, responsabilidade e ética no trabalho).

Vale ressaltar que a proteção não representa a fuga dos fatores estressores, e sim como que o indivíduo consegue lidar com os mesmos. Na presente pesquisa, a reavaliação positiva parece contribuir para várias estratégias de enfrentamentos das mulheres, tais como: ignorar a agressão e acreditar que não vai mais acontecer, conversar e ter apoio dos filhos, rezar, compreender o descontrole do parceiro e considerar os aspectos positivos do parceiro.

Eventos considerados de risco podem aumentar a vulnerabilidade podendo assim trazer resultados negativos ao processo de desenvolvimento, segundo revisão feita por Pesce, Assis, Santos e Oliveira (2004). Os fatores de risco, também fazem parte deste

contexto, uma vez que eles afetam a vida das participantes. A presença da violência doméstica já é considerada um fator de risco, e todas as participantes estão presentes nesta conjuntura. Os eventos traumáticos da vida do indivíduo podem conduzir a uma dificuldade em lidar com o cotidiano. Porém, é preciso destacar que um fator negativo, exclusivamente, pode não influenciar significativamente a vida de um indivíduo, mas sim a junção de vários fatores e a relação dos fatores à sua volta (Machado, 2004).

Os fatores de risco presentes na vida das mulheres são falta de descanso, diversão com o cônjuge, ausência de contato com assistente social, apresentar sentimentos negativos ao pensarem nos episódios de violência e crer que o casamento é para a vida toda. Neste caso, a religião de uma das participantes é um fator de proteção por formar amigos e receber conselhos, porém funciona também como um fator de risco, uma vez que acreditava que o casamento é indissolúvel, por ter jurado perante Deus, o que fez com que a participante aguentasse por muitos anos a violência até realizar a separação (Sinclair, 1995).

Os indivíduos podem viver situações, tanto adversas como positivas, mas a maneira que cada um vai interpretar será diferente, isso comprova o fato de reagirem de maneiras distintas em relação a uma situação, ou seja, as diferenças individuais que devem ser conhecidas (Trombeta & Guzzo, 2002).

Alguns dos companheiros das mulheres não presenciaram violência doméstica em suas famílias de origem, embora em um dos relatos fosse possível identificar que a mãe do companheiro era violentada pelo pai, indicando a intergeracionalidade como causa da manutenção do ciclo de violência (Lidchi, 2009).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão da família, foi sendo construída socialmente, como sendo um paraíso, um porto seguro e talvez este seja o motivo da dificuldade em discutir a violência doméstica. Verifica-se maior percentual da ocorrência da violência dentro da residência. As principais formas de violência doméstica são: violência física, violência sexual, violência psicológica e destruição de propriedade.

Pode-se considerar que a violência contra a mulher é um crime silencioso e escondido, não sendo registrado em sua maioria. Para que um problema social seja levado a sério, é preciso provar que ele afeta proporção significativa da população e acarreta sérios danos e consequências a vida das pessoas. Esta é mais uma questão que prova a importância da denúncia e do registro das agressões. É importante considerar que a violência contra a mulher é um crime punível pela lei descrita no Código Penal.

O agressor em suas primeiras manifestações de violência não faz uso das agressões físicas, mas inicia com cerceamento de liberdade individual da vítima, avançando para humilhações e constrangimentos. Antes de ferir fisicamente, o agressor precisa baixar a auto-estima da mulher, para que ela tolere as agressões.

Com o tempo, a violência psicológica passa a se manifestar verbalmente, com humilhações tanto privadas como públicas, exposições a situações vexatórias, como por exemplo, ridicularizando o corpo da vítima, chamando por apelidos ou características que causam sofrimento. A mulher presente neste contexto, com o passar do tempo, podem sofrer os seguintes efeitos: a mulher começa a se justificar e se desculpar perante o companheiro e para outras pessoas que presenciam o comportamento do companheiro.

A violência pode ou não ser transmitida de geração à outra, porém isso dependerá dos riscos e de proteção envolvidos. As relações e normas sociais e os fatores econômicos são exemplos que podem atuar como inibidores ou estimuladores do estresse nos contextos que o indivíduo pertence.

Para psicólogos e outros profissionais da saúde, a frequência contínua e prolongada à exposição da violência doméstica é considerada como eventos traumáticos, tendo alto impacto emocional.

O conceito de estratégias de enfrentamento pode ser entendido ações que podem ser aprendidas durante a vida, para minimizar e aliviar situações de estresse. As

estratégias de enfrentamento estão relacionadas com os fatores de proteção dos indivíduos ou estão presentes no ambiente.

Há várias pesquisas que discutem o enfrentamento da violência doméstica. Alguns exemplos são: a importância da Lei Maria da Penha, importância da rede social, importância das casas-abrigo, o enfrentamento nos Programas de Assistência e estratégias adaptativas X desadaptativas. A partir destes estudos, o presente trabalho verificou as estratégias de enfrentamento das mulheres vítimas de violência, para assim, refletir sobre propostas de prevenção da violência.

A presente pesquisa apresentou os seguintes dados: todas participantes sofreram violência física e psicológica. A sexual foi vivenciada por duas participantes e nenhuma participante citou a destruição de propriedade, mostrando falta de conhecimento da mesma, porém em relatos haviam descrição deste tipo de violência. A severidade da violência encontrada diz respeito aos graus 5, 4, 3 e 2 respectivamente entre as participantes.

As estratégias de enfrentamento encontradas foram: confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, fuga-esquiva, resolução de problemas, reavaliação positiva, lazer e planos para o futuro.

As mulheres vítimas de violência doméstica buscam apoio das famílias e amigos, antes de procurar instituições. Todas participantes denunciaram os agressores. O principal motivo que faz com que as mulheres denunciem seus parceiros é a preocupação de sofrerem novas agressões ou ameaças, bem como a gravidade da violência sofrida. Todas as participantes relataram ter recebido o suporte necessário dos serviços, inclusive com atendimentos psicológico no CREAS.

Nenhuma participante que sofreu alto grau de severidade de violência deixou de procurar ajuda. Este é um dado bastante encorajador. Isso foi possível pelas participantes apresentarem várias estratégias de enfrentamento, tais como: afastamento, autocontrole, suporte social, fuga-esquiva, resolução de problemas, reavaliação positiva, lazer e planos para o futuro. Além disso, pode-se relatar a especial importância dos familiares e das instituições de apoio, como a existência do CREAS na cidade que foram fundamentais para as participantes.

As participantes apresentaram mais estratégias de enfrentamento adaptativas, o que relata a importância os esforços individuais, coletivo e da sociedade para romper com o ciclo de violência.

O presente trabalho demonstra a necessidade para criação de políticas públicas que contribuam para minimizar a vitimização das mulheres que sofrem violência doméstica, bem como para desenvolver estratégias de enfrentamento.

A violência doméstica, como qualquer outro tipo de violência, caracteriza como uma violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais, que limita à mulher o reconhecimento, gozo e exercício de qualquer direito, bem como o exercício da liberdade.

Entende-se ainda como necessário o desenvolvimento de outros estudos que objetivem a construção de práticas preventivas, que propiciem estratégias de enfrentamentos como: confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, fuga-esquiva, resolução de problemas, reavaliação positiva, lazer e planos para o futuro. Afinal, o presente trabalho verificou que com estas estratégias foi possível romper, em alguns casos, com a violência severa.

Ainda como sugestões de estudos futuros envolvendo a questão, indica-se a continuidade das investigações no sentido de envolver as crianças, vítimas de violência conjugal, ou seja, expostas a agressões entre seus cuidadores. Tal direcionamento faz parte da proposta mais ampla deste trabalho, que envolve a preocupação com as crianças expostas a fatores de risco para o seu desenvolvimento saudável. Estudos que investiguem a violência conjugal e a exposição da crianças a tais situações merecem atenção especial, devido a necessidade de voltar o foco para crianças que possam ter seu desenvolvimento comprometido em vista da exposição a fatores de risco.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. M. A. F. (2010). *Casas-Abrigo para mulheres no Rio Grande Do Sul: perspectivas de enfrentamento à violência doméstica na esfera familiar*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Alves, E. S.; Oliveira, D. L. L. C. & Maffaccioli, R. (2012). Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência doméstica em Porto Alegre. *Revista Gaúcha Enferm.* Porto Alegre.
- Antoniazzi, A. S.; Dell’Aglío, D. D. & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos Psicologia*, Natal.
- Araújo, E. A. C. & Williams, L. C. A. (2009). *Prevenção do abuso sexual infantil: Um enfoque interdisciplinar*. Ed. Juruá. Curitiba, Paraná.
- Borsoi, T. S.; Brandão, E. R. & Cavalcanti, M. L. T. (2009). Ações para o enfrentamento da violência contra a mulher em duas unidades de atenção primária à saúde no município do Rio de Janeiro. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, Rio de Janeiro.
- Brancahona, P. G. & Williams, L. C. A. (2003). Crianças expostas à violência conjugal: uma revisão da área. *O papel da família ao portador de necessidades especiais* (pp. 123-130). Ed. EDUEL. Londrina.
- Brasil (2001). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP.
- Brasil (2002). *Combate à Violência*. Congresso, Comissão Especial Destinada ao Combate à Violência, Relatório Final. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações.
- Brasil (2006). A pessoa com deficiência e o sistema único de saúde. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, DF.
- Brasil (2006). Lei Maria da Penha. Lei 11340/06. <http://www.sepm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2012/lei-maria-da-penha-edicao-2012>

- Brasil (2008). Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília, DF.
- Bruschi, A.; Paula, C. S. & Bordin, I. A. S. (2006). Prevalência e procura de ajuda na violência conjugal física ao longo da vida. *Revista Saúde Pública* [online] ISSN 0034-8910.
- Câmara, S. G., Sarriera, J. C., & Carlotto, M. S. (2007). Predictores de Conductas Sexuales de Riesgo entre Adolescentes. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology* (pp. 161-166).
- Cassado, D. C; Gallo, A. E & Williams, L. C. A. (2003). Transtorno de Estresse Pós-Traumático em mulheres vítimas de violência doméstica: um estudo Piloto. *Revista de Psicologia da UNESP*.
- Damião, E. B. C.; Rossato, L. M.; Fabri, L. R. O. & Dias, V. C. (2009). Inventário de estratégias de enfrentamento: um referencial teórico. *Revista Esc. Enferm. USP*. www.ee.usp.br/reeusp
- Folkman, S. & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior* (pp. 219-239).
- Formiga, C. K. M. R.; Pedrazzani, E. S. & Tudella, E. (2004). Desenvolvimento motor de lactentes pré-termo participantes de um programa de intervenção fisioterapêutica precoce. *Revista Brasileira de Fisioterapia*.
- Lettiere, A. & Nakano, A. M. S. (2011). Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento. *Revista Latino-Am. Enfermagem*. www.eerp.usp.br/rlae
- Lidchi, V. G. (2009). Fatores de Risco e de Proteção: modelo ecológico do abuso de crianças e adolescentes. *Fortalecendo a rede de proteção de crianças e do adolescente*. São Carlos.
- Lima, G. Q. (2010). *Histórias de vida e escolhas conjugal em mulheres que sofrem violência doméstica*. Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Machado, E. (2004). *Risco e proteção: busca por uma compreensão não-linear desse constructos*. Dissertação de mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- McFarlane, J.; Parker, B.; Soeken, K. & Bullock, L. (1992). Assessing the abuse during pregnancy: Severity and frequency of injuries and associated entry to prenatal care. *Journal of the American Medical Association*.
- Meichenbaum, D. (1994). Victims of Domestic Violence (Spouse Abuse). *A clinical Handbook/Practical Therapist Manual: For Assessing and Treating Adults With Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD)*, Waterloo, Ontario/Canadá. (pp. 77-91).
- Miracco, M. C.; Rutzstein, G.; Lievendag, L.; Arana, F. G.; Scappatura, M. L.; Elizathe, L. & Keegan, E. (2010). *Estrategias de afrontamiento en mujeres maltratadas: La percepción del proceso por parte de las mujeres*. Facultad De Psicología – Uba. Secretaría De Investigaciones / Anuario De Investigaciones.
- Nunes, A. M. P. (1993). Motivação para o autocuidado, um diagnóstico indispensável na assistência e orientação de diabéticos. *Texto e contexto Enfermagem*, Florianópolis. (pp. 53-66).
- Parente, E. O.; Nascimento, R. O. & Vieira, L. J. E. S. (2009). Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. *Estudos Feministas*, Florianópolis.
- Pedrosa, C. M. (2009). A construção de uma ferramenta social para promoção da saúde e dos direitos das mulheres. *Paideia*. (pp. 123-129).
- Pesce, R. P.; Assis, S. G.; Santos, N.; & Oliveira, R. V. C. (2004). Risco e Proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo.
- Poletto M. & Koller S. H. (2006). Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco a Proteção. M (Org), *Resiliencia: uma Perspectiva Conceitual e Histórica*. (pp.19-44). Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo.
- Polisello, C. (2010). *Estratégias de enfrentamento de adolescentes da rede privada e pública de ensino*. Trabalho de Conclusão para Bacharel em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

- Ravagnani, L. M. B., Domingos, N. A., & Miyazaki, M. C. (2007). Qualidade de vida e estratégias de enfrentamento em pacientes submetidos a transplante renal. *Estudos de Psicologia*, (pp. 177-184).
- Rios, K. S. A. (2006). *Efeitos de um programa de prevenção de problemas de comportamentos em crianças pré-escolares de famílias de baixa renda*. Dissertação de Mestrado, Programa de Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Rodrigues, R. K. G. (2013). *Salas de recursos multifuncionais nas pré-escolas: diretrizes e a atuação dos professores*. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Sá, S. D. (2011). *Características Sociodemográficas e de Personalidade de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Santi, L. N.; Nakano, A. M. S. & Lettiere, A. (2010). Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. *Texto e Contexto Enferm*, Florianópolis. (pp. 417-424).
- Silva, L. L.; Coelho, E. B. S. & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, (pp. 93-103).
- Sinclair, D. (1985). *Understanding Wife Assault. Introdução à Violência contra a mulher*. Publications Ontario. Toronto.
- Souza, A. C. (2013). *Educação infantil: caracterização de um centro de atendimento educacional especializado*. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Tavares, F. A. (2008). *Das lágrimas à esperança: o processo de fortalecimento das mulheres em situação de violência doméstica*. Dissertação de Mestrado, Programa de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Trombeta, L. & Guzzo, R. (2002). *Enfrentando o Cotidiano Adverso: Estudo Sobre Resiliência em Adolescentes*. Ed. Alínea. Campinas.

Weber, L. N. D.; Selig, G. A.; Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, Ribeirão Preto.

Williams, L. C. A. (2009). A família como um agente transformador da violência: empregando práticas positivas. *Fortalecendo a rede de proteção de crianças e do adolescente*. São Carlos.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de Entrevista Inicial

Roteiro de Entrevista

Dados da Participante

Idade:

Endereço:

Estado Civil:

Tempo que vive com o marido/companheiro:

Número de filhos:

Número de pessoas que residem na mesma casa:

Grau de escolaridade:

Ocupação:

Possui religião? Qual?

Sobre a violência sofrida

1. Qual o motivo que a trouxe aos atendimentos?

2. Há quanto tempo sofre violência?

3. Você considera que sofreu qual tipo de violência?

Psicológica

Física

Sexual

Outras

- Violência Psicológica

4. O agressor te insultou ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesma?
(na vida e no último ano)

5. O agressor te depreciou ou te humilhou diante de outras pessoas? (na vida e no último ano)

6. O agressor fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito? (na vida e no último ano)

7. O agressor ameaçou machucá-la ou machucar alguém de quem você gosta? (na vida e no último ano)

- Violência Física

8. O agressor deu-lhe um tapa ou jogou algo em você que poderia machucá-la? (na vida e no último ano)

9. O agressor empurrou-a ou deu-lhe um tranco/chacoalhão? (na vida e no último ano)

10. O agressor machucou-a com um soco ou com algum objeto? (na vida e no último ano)

11. O agressor deu-lhe um chute, arrastou ou surrou você? (na vida e no último ano)

12. O agressor estrangulou ou queimou você de propósito? (na vida e no último ano)

13. O agressor ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você? (na vida e no último ano)

- Violência Sexual

14. O agressor forçou-a fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria? (na vida e no último ano)

15. Você teve relação sexual porque estava com medo do que ele

pudesse fazer? (na vida e no último ano)

16. O agressor forçou-a a uma prática sexual degradante ou humilhante? (na vida e no último ano)

Sobre o Enfrentamento

1. Você já realizou alguma denúncia?

2. Quantas denúncias já foram realizadas?

3. Caso tenha feito denúncia, onde, como e porque ela ocorreu?

4. Já retornou para o lar, após realizar as denúncias. Se sim, por que? Se não, porque?

5. Quais pessoas que fazem parte do seu cotidiano?

6. Quais pessoas importantes você pode contar em seu cotidiano, principalmente em meio a situações de violência doméstica?

7. Seu(s) filho(s) te ajudara(m) no enfrentamento da violência sofrida? Em que medida isso acontece?

8. Você possui contato regular com sua família?

9. Você possui contato com amigos e vizinhos?

10. O que você fazia nos dias de folga?

11. O que você fazia nas horas de lazer?

12. Na sua relação havia possibilidade de descanso e diversão junto com cônjuge?

13. Você participava de festas, passeios com amigos?
14. Qual horário em que você trabalha fora?
15. Quais instituições de apoio você tem contato?
16. Qual a importância destas Instituições?
17. Que importância você atribui ao assistente social?
18. Você teve assistência social e quais resultados do trabalho realizado pelo Assistente Social?
19. Você tem planos para o futuro e objetivos para a vida? Quais?
20. Que característica você acha que tem? Como você se descreve?
21. Que pensamentos você tem em relação aos episódios de violência? Você se culpa por eles?
22. Como você lida e enfrenta a violência sofrida?
23. Quais os fatores que te ajudam na elaboração da violência vivenciada?

Relacionamento com Parceiro

1. Como você conheceu seu atual namorado/companheiro/esposo?
2. Quanto tempo de relacionamento?
3. Reflita e descreva a relação com seu namorado/companheiro/esposo atual.
4. Quais dificuldades você encontra na relação?

5. Quais aspectos positivo você aponta na relação com seu companheiro?
6. O agressor já sofreu violência doméstica?
7. Como acontecem as agressões no seu relacionamento?
8. O que você costuma fazer depois da violência sofrida?
9. O agressor faz uso de substâncias psicoativas. Quais?
10. O que você acha que influenciou nas suas escolhas amorosas/conjugais?
11. O que você acha que tem de parecido e de diferente entre a sua relação com o seu companheiro e a relação dos seus pais?

Relacionamento com a criança

1. Como é seu relacionamento com sua criança?
2. Como você se avalia como mãe?
3. Quais qualidades e defeitos sua criança possui?
4. Você tem dificuldade em ensinar e dar limites (formas de disciplinar)? O que você faz?
5. É demonstrado carinho para a criança? De que forma?
6. Você percebe consequências da violência para a criança:
 - na escola
 - na hora de dormir
 - nos relacionamentos com crianças

- dificuldade em confiar em adultos
- no horário de alimentação
- apresenta sentimento de medo/raiva
- apresenta sintomas físicos (Ex. doenças psicossomática, doenças de pele, problemas gástricos, dor de cabeça etc.)
- Outros

Sobre infância e família de origem dos pais da vítima

1. Como foi sua infância e ambiente familiar?
2. Como seus pais se conheceram?
3. Como era/é o relacionamento deles?
4. Você tem irmãos ou irmãs?
5. Como era/é o seu relacionamento com eles (irmãos)?
6. Como era/é os relacionamentos na sua família?
7. Como foi/tem sido sua vida em família?
8. Como foi a experiência de iniciar e de ter o primeiro namorado?
9. Você recebe carinho de suas pais e irmãos? E entre eles, há manifestação de carinho e como é demonstrado?
10. Como seus pais disciplinava seus irmãos e você?
11. Na família de seus pais havia presença de violência intra-familiar?
12. Caso haja, quem era a vítima? E quem era o agressor?

ANEXO B - Roteiro de Entrevista

Roteiro de Entrevista

Dados da Participante

Idade:

Endereço:

Estado Civil:

Tempo que vive com o marido/companheiro:

Número de filhos:

Número de pessoas que residem na mesma casa:

Grau de escolaridade:

Ocupação:

Possui religião? Qual?

Sobre a violência sofrida

1. Qual o motivo que a trouxe aos atendimentos?

2. Há quanto tempo sofre violência?

3. Você considera que sofreu qual tipo de violência?

Psicológica

Física

Sexual

Outras

- Violência Psicológica

4. O agressor te insultou ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesma?
(na vida e no último ano)

5. O agressor te depreciou ou te humilhou diante de outras pessoas? (na vida e no último ano)

6. O agressor fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito? (na vida e no último ano)

7. O agressor ameaçou machucá-la ou machucar alguém de quem você gosta? (na vida e no último ano)

- Violência Física

8. O agressor deu-lhe um tapa ou jogou algo em você que poderia machucá-la? (na vida e no último ano)

9. O agressor empurrou-a ou deu-lhe um tranco/chacoalhão? (na vida e no último ano)

10. O agressor machucou-a com um soco ou com algum objeto? (na vida e no último ano)

11. O agressor deu-lhe um chute, arrastou ou surrou você? (na vida e no último ano)

12. O agressor estrangulou ou queimou você de propósito? (na vida e no último ano)

13. O agressor ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você? (na vida e no último ano)

- Violência Sexual

14. O agressor forçou-a fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria? (na vida e no último ano)

15. Você teve relação sexual porque estava com medo do que ele pudesse fazer? (na vida e no último ano)

16. O agressor forçou-a a uma prática sexual degradante ou humilhante? (na vida e no último ano)

Sobre o Enfrentamento

1. Você já realizou alguma denúncia?

2. Quantas denúncias já foram realizadas?

3. Caso tenha feito denúncia, onde, como e porque ela ocorreu?

4. Já retornou para o lar, após realizar as denúncias. Se sim, por que? Se não, porque?

5. Quais pessoas que fazem parte do seu cotidiano?

6. Quais pessoas importantes você pode contar em seu cotidiano, principalmente em meio a situações de violência doméstica?

7. Seu(s) filho(s) te ajudara(m) no enfrentamento da violência sofrida? Em que medida isso acontece?

8. Você possui contato regular com sua família?

9. Você possui contato com amigos e vizinhos?

10. O que você fazia nos dias de folga?

11. O que você fazia nas horas de lazer?

12. Na sua relação havia possibilidade de descanso e diversão junto com cônjuge?

13. Você participava de festas, passeios com amigos?

14. Qual horário em que você trabalha fora?
15. Quais instituições de apoio você tem contato?
16. Qual a importância destas Instituições?
17. Que importância você atribui ao assistente social?
18. Você teve assistência social e quais resultados do trabalho realizado pelo Assistente Social?
19. Você tem planos para o futuro e objetivos para a vida? Quais?
20. Que característica você acha que tem? Como você se descreve?
21. Que pensamentos você tem em relação aos episódios de violência? Você se culpa por eles?
22. Como você lida e enfrenta a violência sofrida?
23. Quais os fatores que te ajudam na elaboração da violência vivenciada?

Relacionamento com Parceiro

2. Como você conheceu seu atual namorado/companheiro/esposo?
2. Quanto tempo de relacionamento?
3. Reflita e descreva a relação com seu namorado/companheiro/esposo atual.
4. Quais dificuldade você encontra na relação?

5. Quais aspectos positivo você aponta na relação com seu companheiro?
6. O agressor já sofreu violência doméstica?
7. Como acontecem as agressões no seu relacionamento?
8. O que você costuma fazer depois da violência sofrida?
9. O agressor faz uso de substâncias psicoativas. Quais?
10. O que você acha que influenciou nas suas escolhas amorosas/conjugais?
11. O que você acha que tem de parecido e de diferente entre a sua relação com o seu companheiro e a relação dos seus pais?

Sobre infância e família de origem dos pais da vítima

1. Como foi sua infância e ambiente familiar?
2. Como seus pais se conheceram?
3. Como era/é o relacionamento deles?
4. Você tem irmãos ou irmãs?
5. Como era/é o seu relacionamento com eles (irmãos)?
6. Como era/é os relacionamentos na sua família?
7. Como foi/tem sido sua vida em família?
8. Como foi a experiência de iniciar e de ter o primeiro namorado?

9.Você recebe carinho de suas pais e irmãos? E entre eles, há manifestação de carinho e como é demonstrado?

10.Como seus pais disciplinava seus irmãos e você?

11.Na família de seus pais havia presença de violência intra-familiar?

12.Caso haja, quem era a vítima? E quem era o agressor?

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre E Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Leila Estevão da Silva Cacciacarro Lincoln, aluna de pós-graduação do programa de Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, orientada pela Prof^a. Dr^a. Rachel de Faria Brino, convido você para participar da pesquisa de mestrado, intitulada “Famílias envolvidas em Violência Intrafamiliar: estratégias de enfrentamento e consequências para o desenvolvimento das crianças”. Por meio deste termo declaro que aceito participar voluntariamente da pesquisa.

Esta pesquisa tem como objetivo levantar e caracterizar como vítimas de violência doméstica enfrentam situações de violência, descrever as estratégias utilizadas por vítimas de violência doméstica no enfrentamento deste tipo de violência, descrever os fatores de risco (todo evento negativo que aumenta as chances da pessoa ter problemas) e de proteção (recursos do próprio indivíduo ou do ambiente, que garantem a pessoa um desenvolvimento saudável) identificados neste contexto e verificar a influência desta violência para as crianças, que estão expostas as mesmas.

Após a aprovação do Comitê de Ética e sua aceitação para participar da pesquisa, será agendado dois dias para a realização da entrevista individual semi-estruturada e um encontro para aplicação da Escala de Resiliência no seu filho.

Os riscos desta pesquisa são eventuais cansaços em responder o Roteiro de Entrevista, bem como possíveis desconfortos com as lembranças da violência sofrida. Como benefício, as participantes poderão refletir de forma mais profunda sobre as situações de violência sofrida e contribuir para o conhecimento de fatores de risco e de proteção presente na vida da participante.

Você, participante da pesquisa, tem a liberdade de aceitar ou não participar da mesma, podendo interromper sua participação a qualquer momento, sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora e a UFSCar. Os participantes da pesquisa podem requerer qualquer tipo de esclarecimento sobre a pesquisa no decorrer desta, junto à pesquisadora responsável ou a orientadora da pesquisa.

Está assegurado seu anonimato, e as informações obtidas por meio da pesquisa serão confidenciais. O estudo tem fins acadêmicos e científicos, e as divulgações

decorrentes deste não poderão identificá-lo ou identificar sua família de qualquer maneira; sendo assim, será usado um código para a sua identificação. Sua participação é isenta de despesas e será ressarcido os gastos dos participantes da pesquisa.

Você está ciente de que sua participação é livre e sem ônus, podendo ser rompida a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo para você. Caso você já receba atendimento pelo Laprev ou por qualquer outro serviço na UFSCar e não aceite ou interrompa a sua participação a qualquer momento da pesquisa, não sofrerá qualquer tipo de prejuízo em relação aos serviços de que utiliza.

Você declara que recebeu as instruções necessárias do pesquisador e a pesquisa não te causará constrangimento ou riscos à sua vida.

Você receberá uma cópia desse termo com o nome, o telefone e o email da pesquisadora.

Leila Estevão da Silva Cacciacarro Lincoln
(16) 81022124 / e-mail: leila.estevao@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

São Carlos, ____ de _____ de 2012

Nome e Assinatura do Participante

ANEXO D – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Araraquara



Interessado: Leila Estevão da Silva Cacciacarro Lincoln

Projeto: Famílias envolvidas em violência doméstica intrafamiliar: estratégias de enfrentamento e conseqüências para o desenvolvimento das crianças

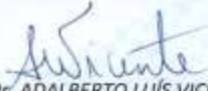
Despacho nº 04/2012 – Comitê de Ética em Pesquisa – FCL/CAR.

O projeto de pesquisa "Famílias envolvidas em violência doméstica intrafamiliar: estratégias de enfrentamento e conseqüências para o desenvolvimento das crianças" encontra-se adequado em conformidade com as orientações constantes da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS.

Por essa razão, o Comitê de Ética em Pesquisa desta Faculdade, considerou o referido projeto estruturado dentro de padrões éticos manifestando-se FAVORAVELMENTE à sua execução.

O relatório final do projeto de pesquisa deverá ser entregue em Março de 2013 no qual deverá constar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido dos sujeitos da pesquisa.

Araraquara, 28 de maio de 2012.


Prof. Dr. ADALBERTO LUÍS VICENTE
Vice-Coordenador do CEP
UNESP-FCL/CAR

ANEXO E – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Conselho Nacional de Saúde
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

PROJETO RECEBIDO NO CEP		CAAE - 0023.0.457.000-11	
Projeto de Pesquisa Famílias envolvidas em Violência Intrafamiliar: estratégias de enfrentamento e consequências para o desenvolvimento das crianças			
Area(s) Temática(s) Especial(s) Não se aplica		Grupo	Fase Não se aplica
Pesquisador Responsável			
CPF 35208729865	Pesquisador Responsável Leila Estevão da Silva Cecciacarro Lincoln		 Assinatura
Recebimento: <i>Seção Técnica Acadêmica - Comitê de Ética</i>			
Data de Entrega 14/09/2011	<i>Luiz Fernando Coletti</i> Supervisor Técnico de Seção		Assinatura

Este documento deverá ser, obrigatoriamente, anexado ao Projeto de Pesquisa.



<http://portal2.saude.gov.br/sisnep/cep/caae.cfm?VCOD=458844>

14/9/2011